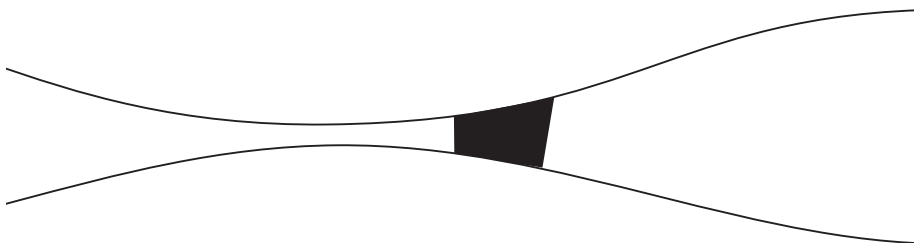
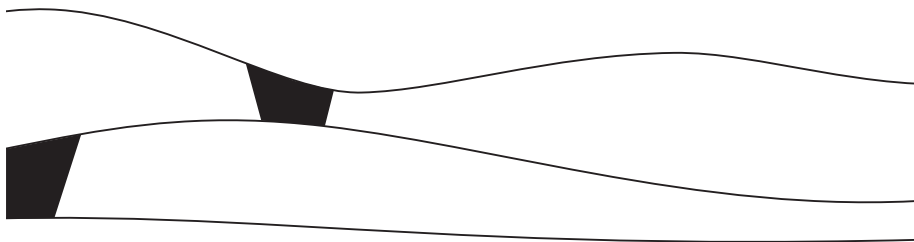
An abstract graphic design featuring several thin, flowing black lines that create a sense of movement and depth. On the left side, there are three solid black, irregular shapes that appear to be part of the overall composition. The background is a light gray, and the overall aesthetic is minimalist and modern.

Tempo de aldeia



Edith Lacerda

Tempo de aldeia

fios de
memórias
em terras
indígenas



Copyright © 2013 de texto by Edith Lacerda
Copyright © 2013 desta edição by Escrita Fina Edições

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Coordenação editorial | LAURA VAN BOEKEL
Editoras assistentes | LOURDES VIEIRA E MARIANA LIMA
Editora assistente (arte) | CLAUDIA OLIVEIRA
Projeto gráfico | SULÁ TAULOIS
Foto de Capa | JOANA MACEDO
(pássaro japiim e seu ninho feito na mungubeira)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L135t

Lacerda, Edith

Tempo de aldeia: fios de memórias em terras indígenas /
Edith Lacerda. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Escrita Fina, 2013.
132 p. : il. ; 15 cm.

ISBN 978-85-8313-018-5

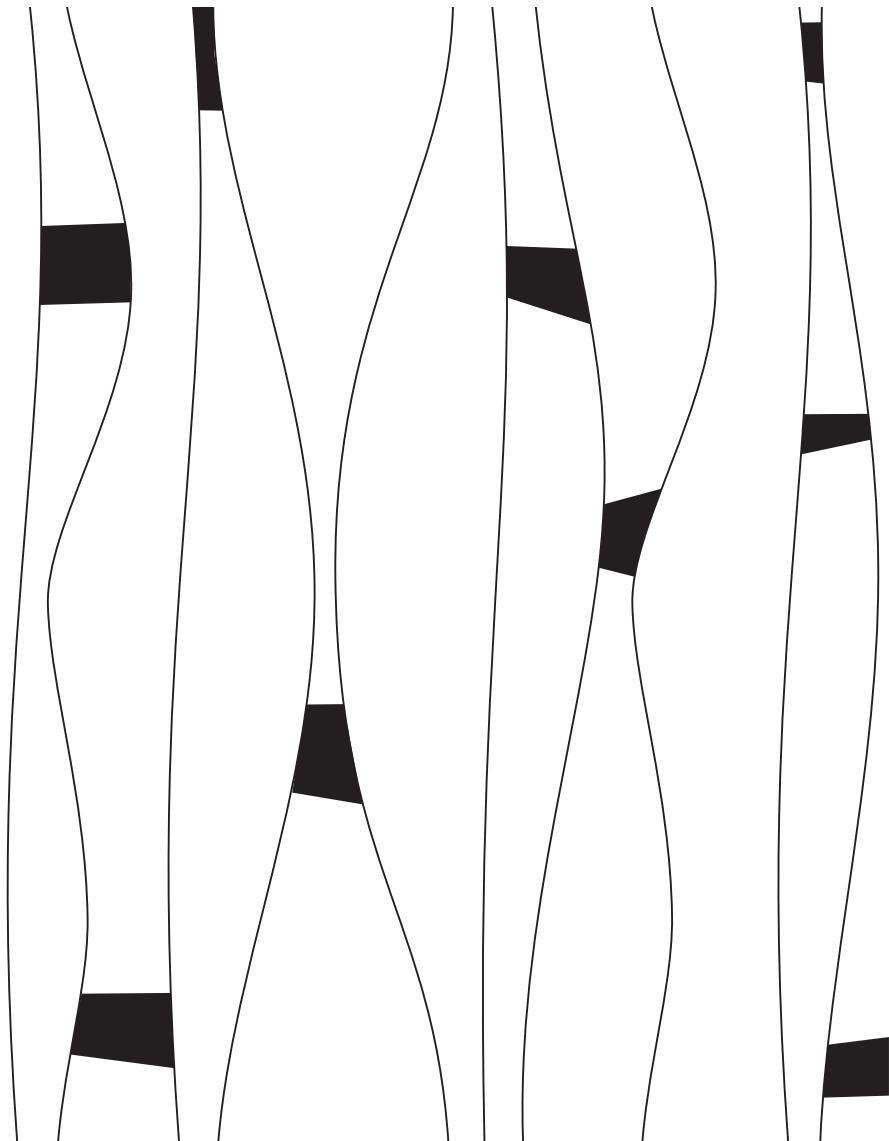
1. Crônica brasileira. I. Título.

13-06817

CDD: 869.98

CDU: 821.134.3(81)-3

Aos *kinhá*, com gratidão.



Percursos no tempo

De março de 1988 a dezembro de 1991, morei com os índios Waimiri-Atroari, que vivem em território localizado nos estados do Amazonas e de Roraima. Trabalhava como professora do Programa Waimiri-Atroari (convênio entre FUNAI e Eletronorte), pois os autodenominados *kinhá* ainda não estavam à frente da educação escolarizada.

Inicialmente, fui acompanhando meu então companheiro, Edilberto Fonseca, que posteriormente assumiu o cargo de coordenador dos professores. Porém, logo me envolvi com a proposta e me lancei na tarefa de alfabetizar índios em um idioma que eu desconhecia. Muitos desafios, muitas dúvidas, muitos receios, muitas surpresas. E a maior delas foi me adaptar tão

facilmente à vida na Floresta Amazônica – logo eu, que me julgava tão urbana! Percebi, então, que o desconhecido também morava em mim.

Dessa indelével experiência trago marcas para sempre.

Aprendi muito sobre a língua Waimiri-Atroari, naquela ocasião falada por pouco mais de 500 indivíduos. Por sentir a responsabilidade que me cabia como depositária de informações linguísticas preciosas, decidi compartilhar esses dados da maneira mais técnica que me fosse possível. Assim, em 1996 concluí o Curso de Especialização em Línguas Indígenas Brasileiras no Museu Nacional/UFRJ e apresentei a monografia *Observações sobre Morfologia e Sintaxe da Língua Waimiri-Atroari*, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Bruna Franchetto.

Durante todos esses anos em que estive afastada da vida na aldeia, me vejo cercada de per-

guntas sobre essa minha vivência. É uma avalanche de curiosidade.

Sempre tive muito cuidado em relação aos Waimiri-Atroari, que tão bem me acolheram. A política indigenista é tão complexa, envolve tantos interesses e questões tão delicadas que me sentia pouco à vontade para escrever algo sobre eles. Era como se, de alguma maneira, eu estivesse me valendo da confiança que depositaram em mim para desempenhar o mesmo papel do colonizador, só que em vez de terras e minérios eu estaria “usurpando” cultura, histórias, patrimônio imaterial. Aliás, esse era um dilema que me acompanhava durante todo o meu período de permanência por lá: até que ponto minha presença era necessária? Até que ponto eu não representava mais uma interferência da sociedade hegemônica na vida cotidiana de uma aldeia

Waimiri-Atroari, impondo costumes e outra forma de ver o mundo?

Minha irmã, Nathercia, sempre insistia que eu deveria escrever ou contar minha experiência, já que são memórias minhas. Eu acabava deixando para depois, me perdendo nesse “pudor” em me apropriar de bens culturais e repetir a prática de tantos que se aproximaram de povos indígenas apenas pensando em benefício próprio.

Há alguns anos escrevi um artigo intitulado *Brincadeiras de um Povo da Floresta*, publicado pela Revista Ciência Hoje das Crianças, nº 100, de março de 2000, abordando o dia a dia das crianças Waimiri-Atroari. Antes já havia publicado na mesma revista, edição nº 94 de agosto de 1999, o *Mito da Criação da Noite*, que pertence à mitologia deste povo. Depois cheguei a esboçar textos sobre meu cotidiano

na aldeia, mas acabei por deixá-los guardados em uma gaveta.

O tempo passou...

No final de 2009, recebi um telefonema: depois de 18 anos, o líder da aldeia na qual morei, *Pariwé* Mário, queria falar comigo! E, no seu português que ainda tropeçava, me deu notícias de vários dos seus parentes. Até que me disse: “*Edidi*, *kinhá* não parou... A gente continuou, assumiu escola... Aquele que você alfabetizou virou professor... E *kinhá* não esquece nunca *Edidi*, primeira professora de *kinhá*.” Comovida, respondi que nunca os esqueci e que sempre serei grata por terem me recebido e me permitido viver com eles durante tantos anos.

Mais uma vez, o tempo passou...

Durante a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio+20),

em junho de 2012, pude reencontrar três índios Waimiri-Atroari na Cúpula dos Povos. Nenhum deles pertencia à aldeia em que morei, mas me deram notícias daqueles com quem convivi. Também puderam conhecer minha filha, Dora, que só veio a nascer muitos anos depois do meu retorno para o Rio de Janeiro. Ouvi-os falar era como voltar no tempo. E as palavras em seu idioma soavam como um sopro de memória da minha vida na Amazônia.

Seis meses se passaram...

Estava almoçando com amigos muito queridos, grandes contadores de histórias, e surgiu a conversa sobre minha convivência com os Waimiri-Atroari. Os dois me instigaram: por que não escrever sobre isso? Uma fala pessoal e afetiva, um olhar feminino e não índio para aquele universo que fez parte da minha rotina durante

quase quatro anos. O desconhecimento é tanto e a curiosidade sobre o tema é tamanha que compartilhar minha vivência seria quase que um gesto de retribuição aos Waimiri-Atroari.

E não é que eles me convenceram? No fundo eu sempre soube que escreveria este livro, mas acho que precisava deste último empurrão... E foram eles que me lançaram nessa empreitada de mergulhar nas minhas memórias e trazer a público o que me marcou, o que fez com que meu olhar para os valores culturais que me formaram, e que muitas vezes me pareciam universais, mudasse completamente. Ao observar o que era diverso de mim, me vi no espelho. Nunca mais fui a mesma. Experiência divisora de águas.

A esses dois bruxos, Nanci Nóbrega e Augusto Pessôa, agradeço profundamente. Com a magia de sua persuasão, encontrei um caminho por

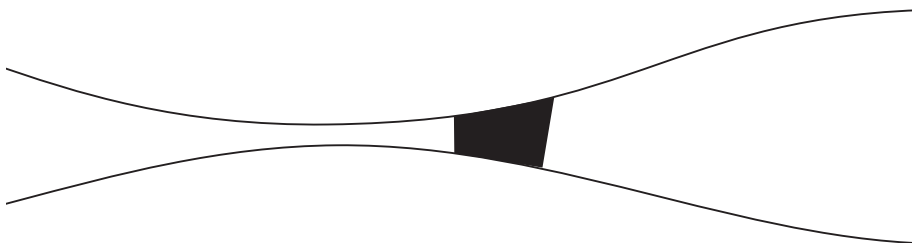
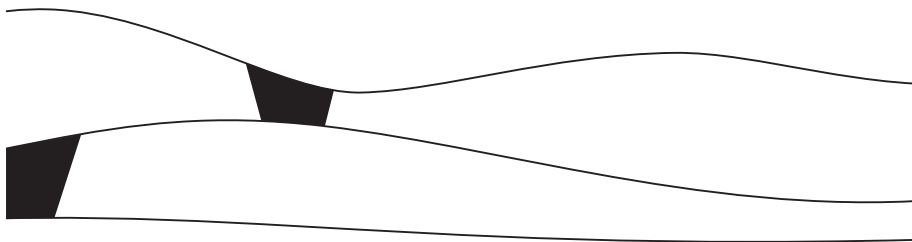
onde trilhar este meu relato. Não vou me ater a dados históricos ou a aspectos sociopolíticos. Sou uma contadora de histórias. E cada vez mais persigo os fios de minhas memórias para entrelaçar com as histórias que conto.

Este livro é uma trama de fios de memórias entrelaçados com histórias. Meu olhar de hoje sobre o que vivi há tantos anos. Tempo de aldeia.

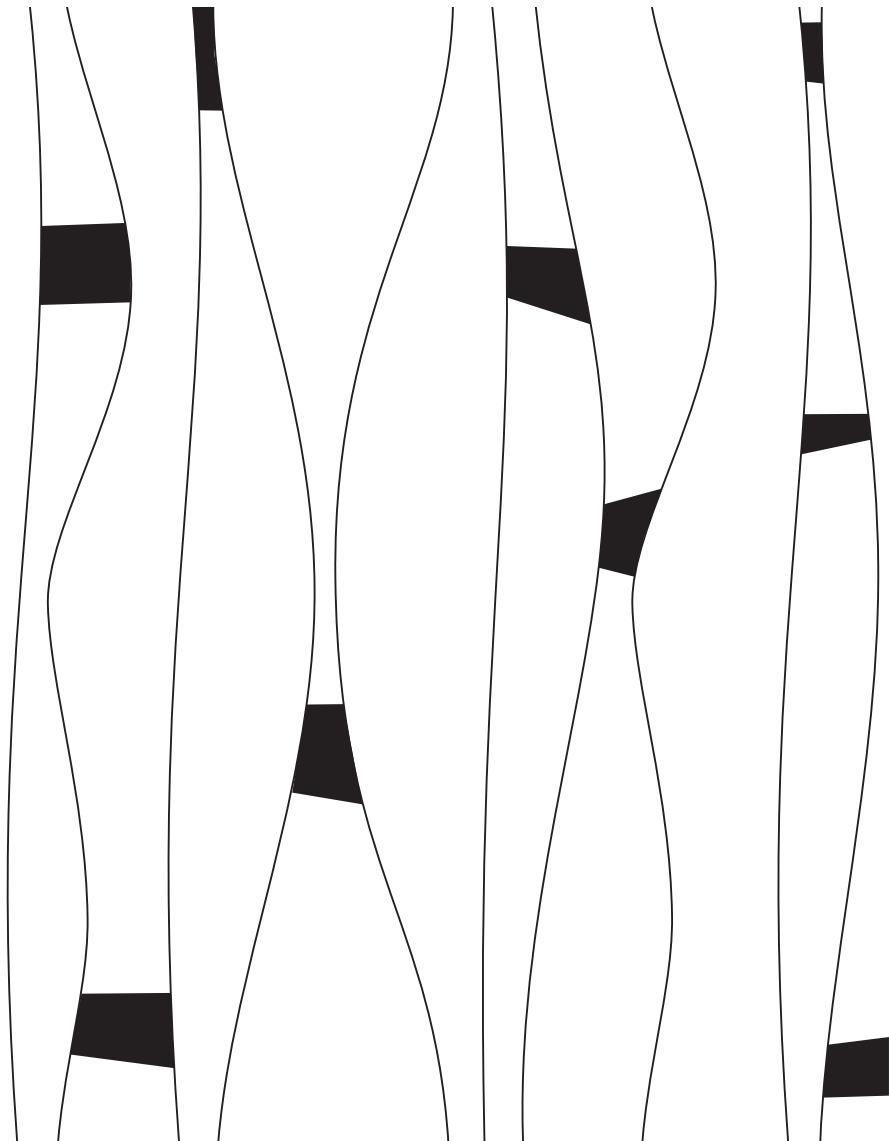
NOTA:

Todas as palavras em Waimiri-Atroari neste livro estão grafadas tentando aproximá-las o mais possível da pronúncia, sem preocupação com correção ortográfica ou regras linguísticas. Deliberadamente, me permiti “inventar” uma escrita para que o leitor possa ter uma noção, mesmo que remota, da sonoridade da língua. Apenas com a vogal i, que não existe em Português, optei

por usar a representação fonética. A pronúncia é algo próximo de â, como na palavra “câmera”, só que mais fechada; quando em sílaba tônica, optei por grafá-la com acento circunflexo.



Fios de memórias



Ponte para o Xeri

Depois de meses de espera em Manaus, finalmente cheguei à aldeia Xeri.

O caminho foi longo. Chão de terra. Uma rodovia aberta no seio da Floresta Amazônica. O carro, mesmo com tração nas quatro rodas, sacudia, denunciando o estado precário da estrada.

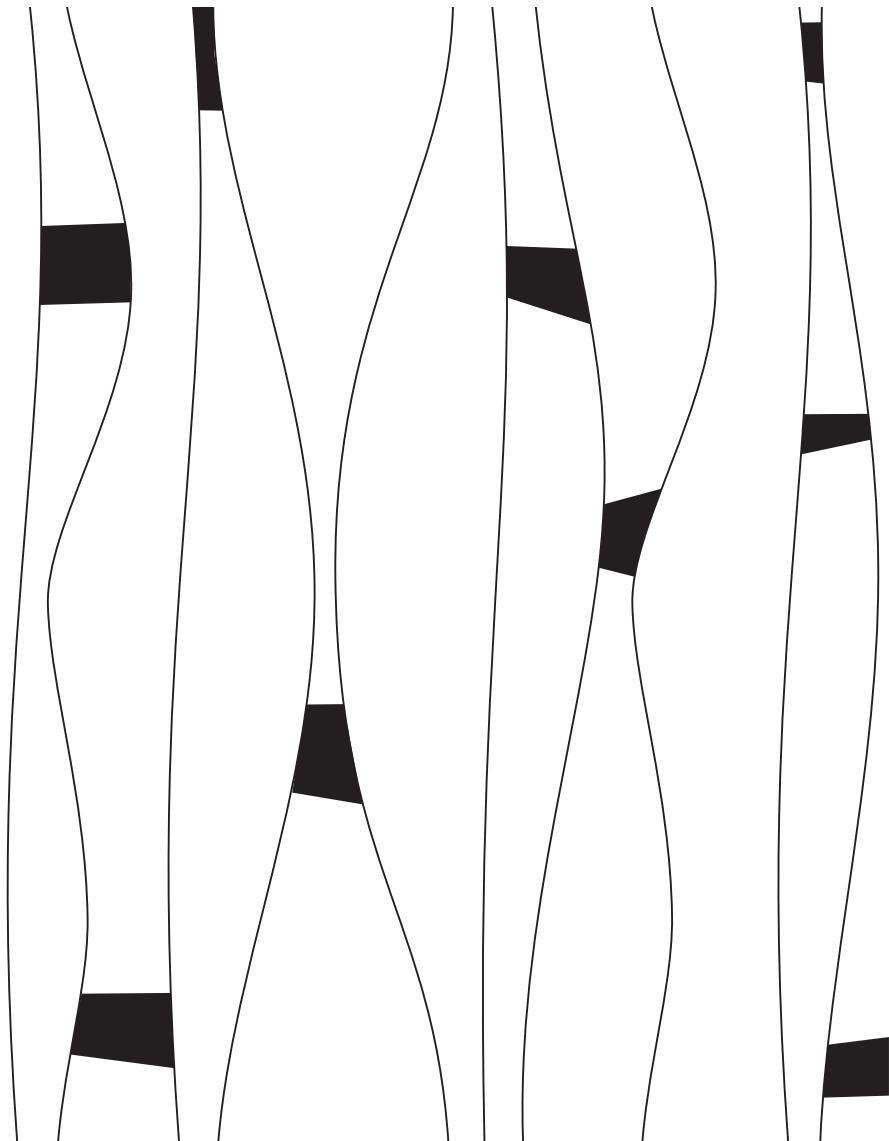
Dentro de mim, muita expectativa. Como seria esse encontro? Por mais que já tivesse visto fotografias, nunca havia pisado em uma aldeia indígena. Jamais havia mergulhado nos sons, nos cheiros, nas cores da floresta. Meu coração urbano com tudo se surpreendia. Meu olhar se inaugurava naquele instante para uma paisagem tão distante da minha vivência...

Muitos quilômetros depois, uma estrada vicinal mais estreita apontava a proximidade da aldeia. Motor desligado, fez-se o silêncio ruidoso da mata. Só podia ver uma pequena ponte sobre um igarapé. Era preciso atravessá-la a pé para chegar à aldeia. Enquanto caminhava, um cenário aprendido nos livros escolares da minha infância descortinou-se diante dos meus olhos.

Na beira do igarapé, crianças brincavam, mulheres e homens observavam o grupo de *kaminhá* (não índio) que acabava de chegar. E as malocas estavam ali diante de mim. Uma ponta de incredulidade me invadiu por completo: era isso mesmo? Eu estava em uma aldeia indígena de verdade? Minha curiosidade de menina disputava lugar com a determinação da profissional adulta, o deslumbramento dividindo minha atenção com a responsabilidade da função de professora.

Atravessei a aldeia até chegar à escola – uma construção semelhante às malocas, só que sem paredes, apenas cercada para impedir a entrada de animais. Ali seria o espaço de aprendizado formal pelos próximos anos para os Waimiri-Atroari. Quanto a mim, aprendiz da vida amazônica em terras indígenas, minha escola abrangeria a aldeia, se estenderia para a roça, ultrapassaria os limites do igarapé, correria para além da ponte que me trouxe ao Xeri.

Minha chegada já me mostrava que guardaria sempre em mim este momento de inícios, esta estreia na minha leitura de mundo.



Kaminhá na maloca

Fazia poucos meses que estava lecionando no Xeri, porém nunca havia entrado em uma maloca. Como eu ainda morava no Posto Indígena Jundiá, era necessário o deslocamento diário de bicicleta ou de caminhão por alguns quilômetros. Ao chegar, meu percurso na aldeia era atravessar a ponte, cumprimentar os *kinhá* e seguir para a escola.

Nos intervalos das aulas, eu percorria os caminhos entre as malocas e me aproximava das mulheres que trabalhavam à porta de casa. Não me sentia à vontade para entrar sem ser convidada. Minha presença na rotina da aldeia já era interferência suficiente, uma *kaminhá* observadora do dia a dia de um povo indígena. O histórico confronto étnico entre os *kinhá* e os *kaminhá* se fazia presente

em todos os momentos. Eu não era apenas a *Edi-di* professora; eu representava anos de exploração e dominação desde os primeiros contatos com índios “arredios”. Eu me encontrava ali pela urgente necessidade dos Waimiri-Atroari de apropriação da ferramenta da escrita de sua língua materna. Por esta razão, eu não queria me impor para além dos limites que me cabiam no espaço da escola.

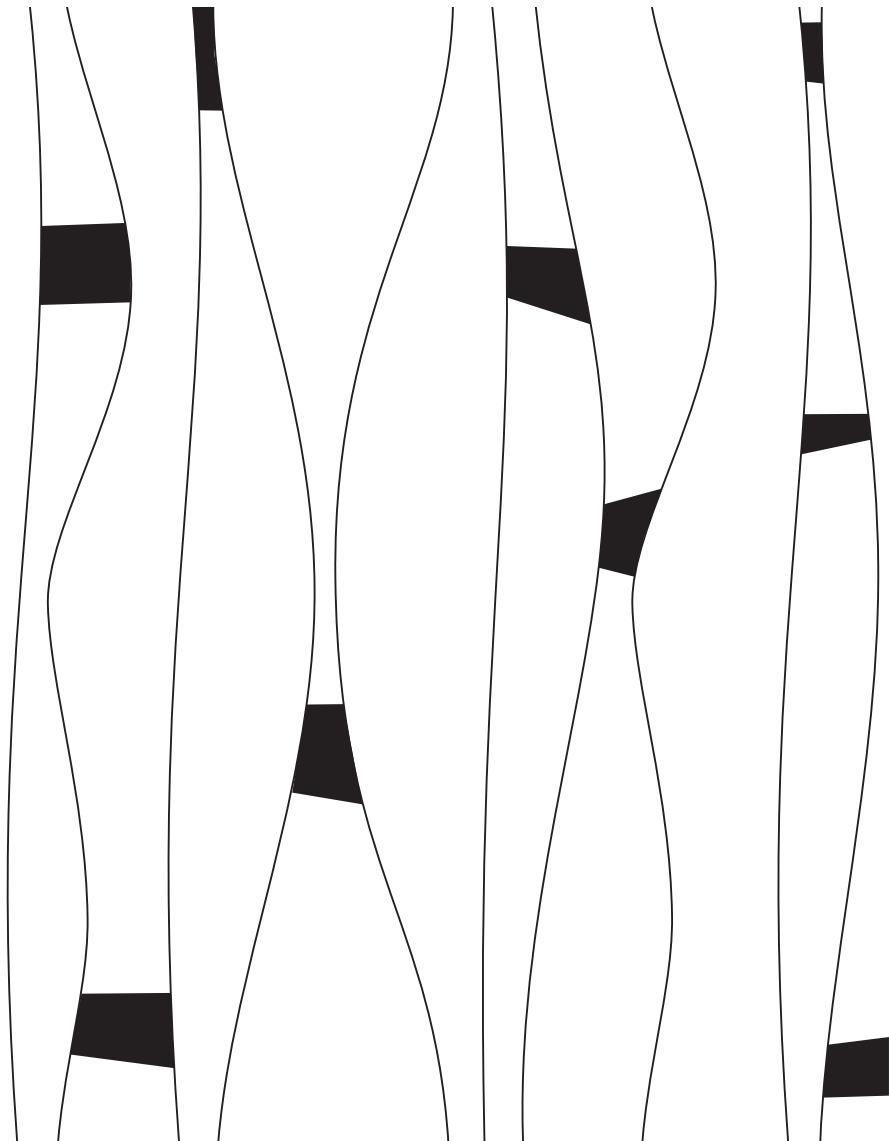
E assim o tempo transcorria.

Um dia, a aldeia Xeri recebeu uma parenta que morava em outra aldeia distante e que estava a caminho de Manaus para tratamento de saúde. Ela sentia dores e todos se desdobravam em acolhê-la. Eu estava na escola quando vieram me chamar para ver a visitante. Ao me aproximar da casa onde estava a hóspede, entendi que este era o motivo que faltava para justificar minha entrada dentro de uma maloca. Todos me olhavam e observa-

vam minha reação. Eles bem sabiam a curiosidade que existe a respeito de seu modo de viver. Mais uma vez, a menina dentro de mim conteve o fascínio para ceder lugar à professora consciente de seu papel naquela comunidade.

Procurei me aproximar da rede em que estava a índia enferma, controlando meu olhar para que não se dispersasse para o novo diante de mim. No entanto, meus sentidos foram arrebatados pelo cheiro de carne moqueada e de bananas amadurecendo, pela pouca luminosidade, pelo fogo aceso. Os utensílios pendurados, os beijus no jirau, as redes feitas de fibra de buriti – tudo ali evidenciava uma cultura ainda bastante desconhecida para mim.

Sim, havia muito que aprender.



Tardes com *Kaaba* Soraia

Refúgio dos dias ensolarados da Amazônia, a cobertura de palha das malocas refrescava e dava abrigo. Sentada na rede feita de fibra de buriti na maloca de *Kaaba* Soraia, assim passava minhas tardes na aldeia Xeri.

Minha compreensão do idioma ainda era pouca ou quase nenhuma. Soraia entendia português, porém não se arriscava a falar. Eram tardes feitas de silêncio e sorrisos. Eu ficava observando-a na lida diária, cuidando das filhas, preparando mingau de banana ou mesmo caldo de cana. Tarefas trabalhosas como quase todas as que os *kinhá* executavam. De vez em quando, um comentário em Waimiri-Atroari, uma palavra ou outra em português. As crianças se

chegavam, parentes entravam e saíam da maloca; cachorros cochilando pelo caminho volta e meia eram enxotados.

Com o tempo, nossas conversas passaram a envolver mais palavras na medida em que eu aprendia o idioma. Soraia, atenta e trabalhadeira, sempre querendo me ensinar um pouco sobre a maneira de viver dos Waimiri-Atroari, um pouco sobre a história de seu povo. Nas tardes em sua casa, aprendi muito sobre os *kinhá* e seu modo de entender o mundo; soube do sarampo que quase os dizimou e da tristeza que sentiram com a morte de tantos parentes. Pelas mãos habilidosas de Soraia, vi pela primeira vez como teciam a rede; aprendi a trançar pulseira de arumã seguindo sua orientação. O cotidiano da família Waimiri-Atroari descortinava-se diante de meus olhos através de seus gestos e de suas conversas.

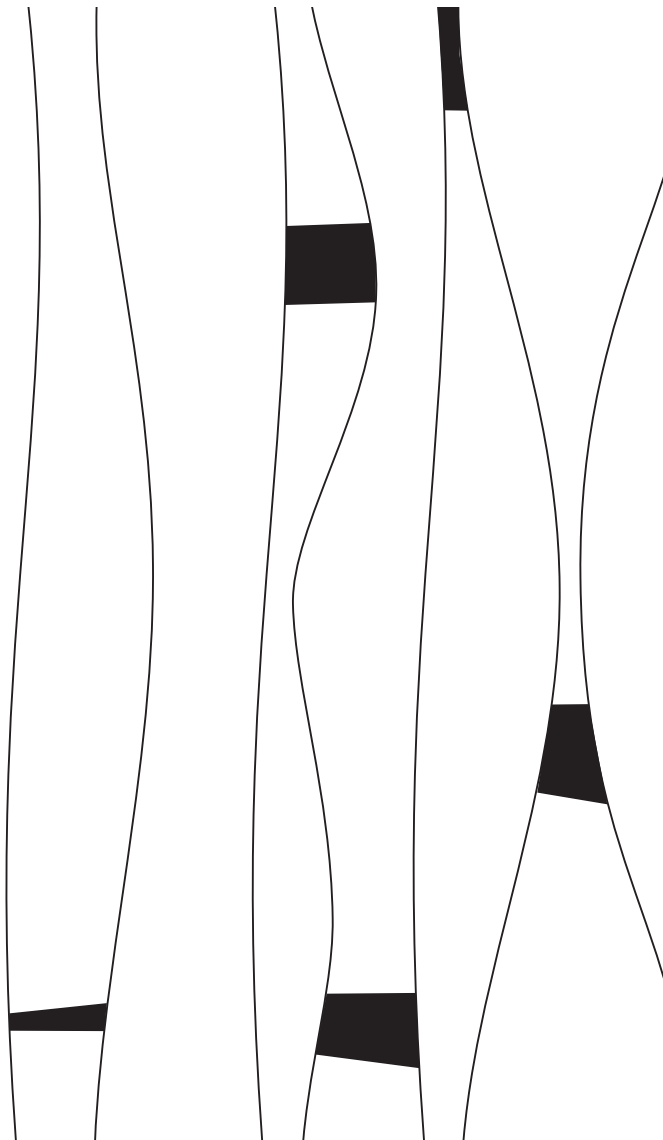
Alguns anos depois, quando me mudei para a aldeia, nos fins de tarde Soraia retribuía as visitas daqueles primeiros tempos e vinha à minha maloca acompanhada pelas filhas menores. *Mirbamê*, sua caçula, já havia nascido e começava a engatinhar. Agora, Soraia é quem deitava em minha rede de fibra de buriti (feita por ela mesma) e me observava nos meus afazeres domésticos. Eram tardes de gentileza e companheirismo.

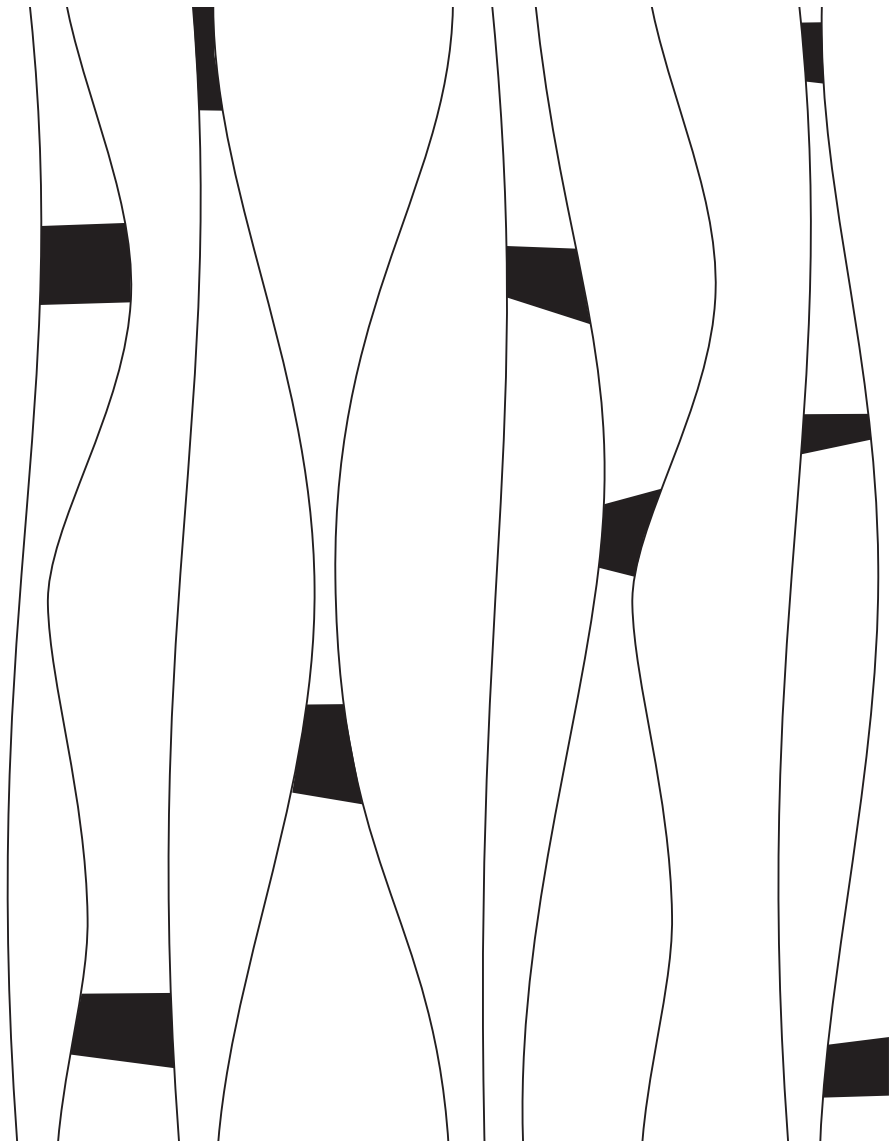
Certa vez, durante a aula das mulheres, alguém escreveu a palavra *sibá*, referindo-se a uma fruta que eu não conhecia. Dias depois, os homens estavam buscando palha para a cobertura de uma maloca recém-construída, seguindo por um caminho próximo à minha casa; algumas mulheres os acompanhavam. Na volta, Soraia veio correndo na frente e chegou esbaforida à minha porta, trazendo na mão uma fruta avermelhada: “*Sibá! Sibá*

ipê, Edidi!” (A fruta *sibá*, Edith!). A fruta assemelhava-se a um caju, porém com casca e polpa da mesma cor rósea. Soraia me explicou que os antigos ensinavam que se deve esfregar *sibá* maduro nos seios das meninas para que tenham bastante leite quando forem mães. Acrescentou que ela tinha acabado de fazer o mesmo com sua filha mais velha (de aproximadamente seis anos) e sorriu dizendo: “*Kinhá iká, Edidi!*” (Histórias de *kinhá*, Edith!) e foi-se embora correndo.

Por ser professora de todos na aldeia, muitos *kinhá*, até mesmo os mais idosos, me tratavam por *makibá*, vendo em mim a figura da irmã mais velha que ensina os menores a executarem tarefas que lhes serão atribuídas no futuro. Soraia foi minha melhor professora em matéria de sabedoria Waimiri-Atroari.

Soraia *amakibé’eme* (essa minha irmã mais velha).





Mabá piarmê!

Observar araras em pleno voo era uma festa de cores e sons no azul do céu. Voavam lá no alto, sempre aos pares, encantando meu olhar. Quase que diariamente sobrevoavam a aldeia, porém eu nunca estava com minha câmera fotográfica à mão. Queria registrar aquele espetáculo inusitado para mim e tão corriqueiro na Floresta Amazônica.

As mulheres achavam muita graça desse meu desejo. E acredito que não entendessem o porquê do meu interesse. As araras faziam parte de sua vida desde o tempo dos antigos, suas penas usadas para confecção de flechas desde sempre. Não imaginavam que nos céus da minha cidade passavam aviões, helicópteros, gaivotas, biguás,

pássaros de pequeno porte, mas não araras. Quanto mais araras vermelhas e araras-canindés cada vez mais raras!

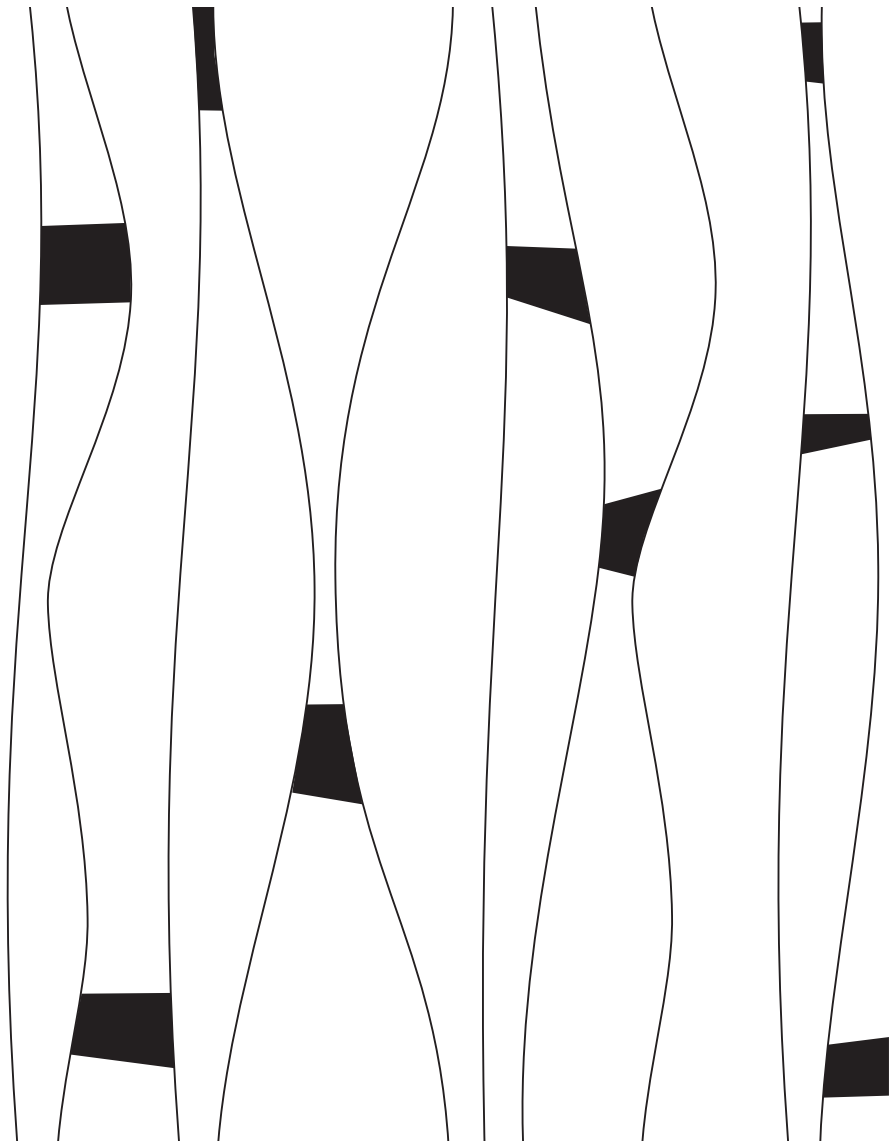
Várias vezes corri para buscar a câmera em vão e o sonhado registro não acontecia...

Até que, um dia, ouvi um rebuliço feminino. Falavam muito alto chamando pelo meu nome. E riam demais. Na verdade gargalhavam! Quando me aproximei, elas diziam em uníssono: “*Piarmê, Edídi! Mabá piarmê!*” (Fotografa, Edith! Fotografa a arara!). E não conseguiam parar de rir! Repetiam em um português trôpego: “*Edídi gosta arara!*”. Eu me deixei contagiar pelo riso e quase não consegui fotografar.

Como a câmera era analógica, o filme tinha que ser revelado. Fotografia pronta, a imagem mostrou as araras tão distantes, pontos vermelhos no ar. Decidi que registrar com a câmera pas-

saria para segundo plano. Guardaria em mim cada voo, cada canto de pássaro, sua profusão de cores e de sons.

Hoje fecho os olhos e ouço as araras em alvoroço colorindo as manhãs, escuto o triste canto dos tucanos sobrevoando o igarapé Jundiá nos fins de tarde. O assovio do *baibai* me acompanha pela vida afora e o alerta do bacurau quando a madrugada já ia alta ainda me anuncia que o dia logo vai raiar.



Fauna-alimento

Meus deslumbramentos com a fauna local eram rotineiros. Sempre havia um bicho que ainda não conhecia. Muitas vezes eu o via já abatido, fruto de caçadas para garantir a subsistência da aldeia. Outras, via-o livre, senhor do seu espaço na floresta.

Jacu, jacamim, mutum. Paca, tatu, cutia. Anta, veado, caititu. Diversidade de macacos e micos com seus alaridos. Onças, cobras e jacarés. Até uma arraia surgiu no igarapé para que a aldeia fizesse jus a seu nome (*Xeri* quer dizer arraia).

Certa noite, fui surpreendida por um som estranho, como se o vento uivasse lá fora. Só que as folhagens das árvores não se movimentavam. Intrigada, guardei minha dúvida até a manhã

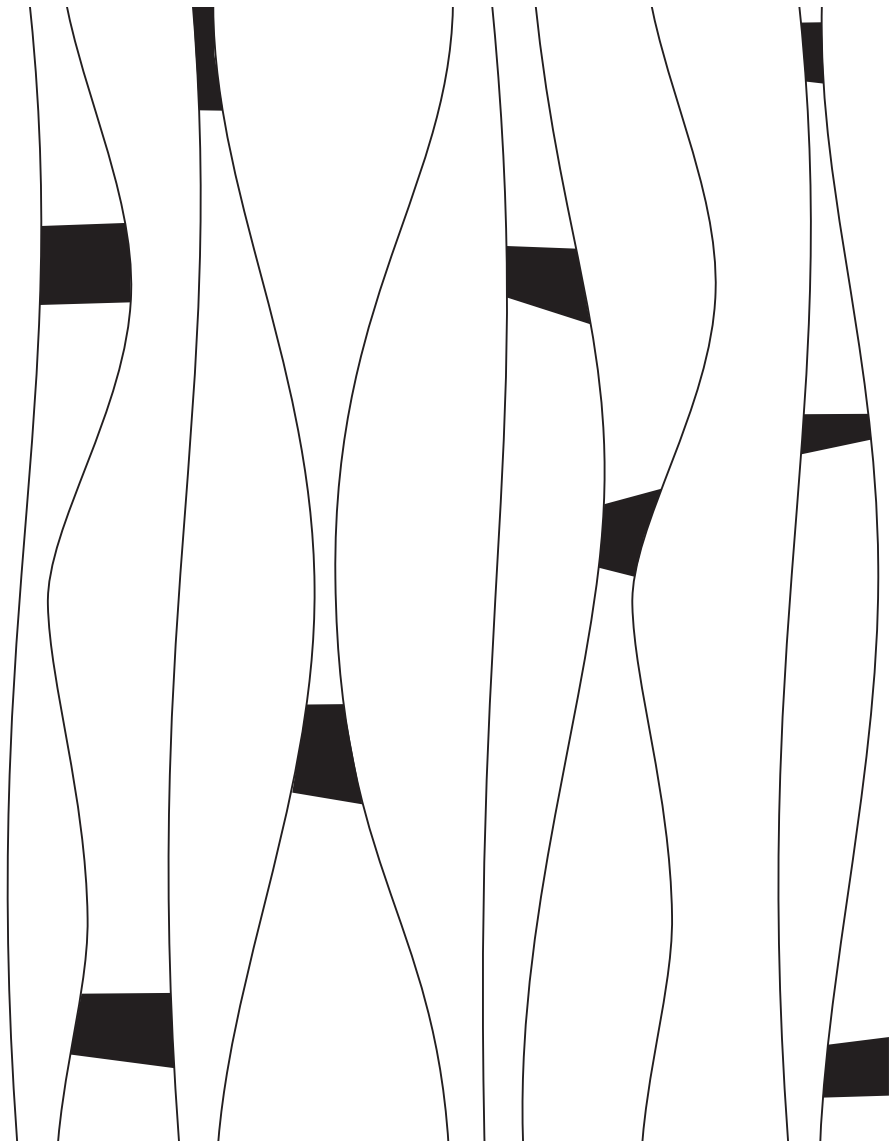
seguinte. Os *kinhá* zombaram da minha falta de conhecimento e me esclareceram com seu português misturado com palavras na língua materna: “É *arawatá* (macaco guariba)! Não sabe não, *kaminhá*?”.

Lembro-me de ver atravessando a estrada bandos de *kixiri*, o macaquinho com as patas douradas cuja origem pertence ao universo mítico dos Waimiri-Atroari. Viajando pela área de rio, onde ficavam outras aldeias, pude conhecer os ninhos de japiim suspensos como grandes bolsas nas árvores e aprendi que este pássaro imita o som dos outros. Também soube que o jacarim “adota” filhotes de outros animais. Tantos ensinamentos a vivência na floresta me trouxe!

Experimentei sabores que jamais poderia imaginar. Meu paladar reconhecia as carnes, tão apreciadas pelos *kinhá*. Eu costumava ser pre-

senteada com a parte nobre e desossada das caças. Dias depois me perguntavam se eu ainda tinha comida (referindo-se à carne). Como o pedaço era sempre muito grande, ficava abastecida por muitos dias, uma vez que minhas refeições também contavam com acompanhamento de arroz e feijão. Os índios não se conformavam. Já não havia mais carne em toda a aldeia e eu ainda tinha! Como isso era possível? Encontraram a única explicação plausível sob a ótica de um povo com dieta essencialmente carnívora: “*Edídi* não come! Esse *Edídi* vai ficar *inama!*” (Essa Edith vai ficar fraca). E emendavam em tom de orgulho brincalhão: “*Kinhá é wasipá!* (Waimiri-Atroari tem fome). Come muuuuito!”

E comiam mesmo. Muito e a toda hora, enquanto durasse a carne. Até acabar.



Tuca *bena*

Havia muitos cachorros pela aldeia. Magros e sem cuidado, tinham que garantir sua sobrevivência quase que por conta própria. Buscavam as sobras das caças, um ou outro beiju que escapava da mão das crianças, um pedaço de fruta aqui e acolá.

A relação com os cães era utilitária, desde sempre treinados para farejar e acuar as presas durante as caçadas. Eram animais silenciosos, sombras atrás de seus donos, vivendo pelos cantos das malocas. Quando estavam pelo caminho, eram enxotados com veemência: “Kispê!” (Passa!).

Já os papagaios que viviam soltos pela aldeia eram alimentados e tratados com cuidado. No universo mítico Waimiri-Atroari, o papagaio representa aquele que ensinou todos os cânticos do festejo ritual chamado *maribá*. Também o *kixiri*

recebia tratamento diferenciado, pois no tempo dos antigos havia sido gente como os *kinhá*.

Sempre adorei cachorros. E lá, no coração da Amazônia, tive uma companheira de quatro patas que me seguia por todos os caminhos. Pelo longo e lustroso, de porte pequeno. Bela vira-lata! Toda preta com peito branco, as pontas das patas também brancas bem como a pontinha do rabo. Eu a escolhi no momento em que nasceu e a batizei de Tuca.

Sabia tudo de mim. Quando me via triste, se aninhava nos meus pés, ganhando solidária. Gostava dessa vida solta de cavar a terra e se anunciar para o mundo latindo forte. Em função do calor excessivo, Tuca adorava ficar imersa nos igarapés e poças de água da chuva. Apenas com olhos e focinho de fora, assim se deixava ficar por horas a fio.

Quando eu ia para a aldeia, Tuca me acompanhava e ficava comigo dentro da escola, o que não era permitido a nenhum outro cachorro. Os índios se admiravam com o carinho e o cuidado que Tuca recebia; só entendiam ter *nhaminhá* (cachorro) se fosse para caçar. No entanto, respeitavam *Edídi iekê* (bicho de estimação da Edith).

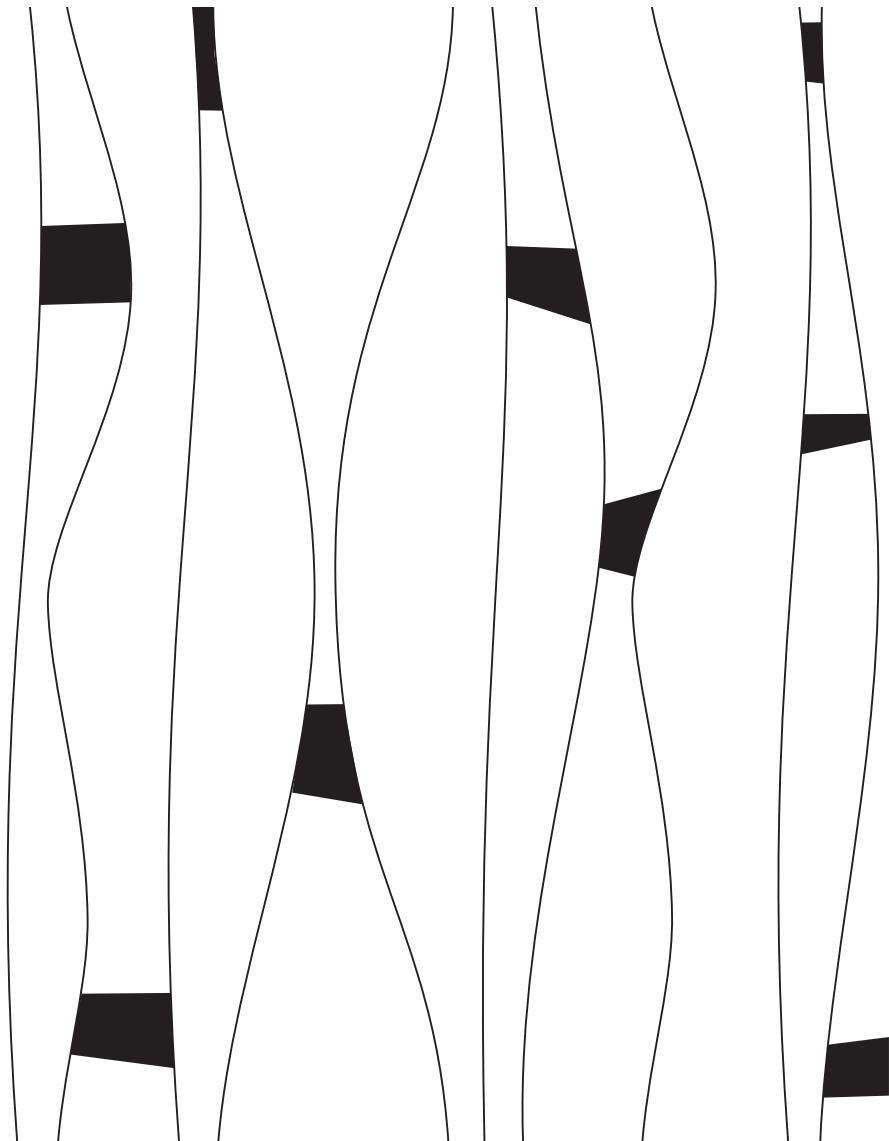
Certa vez, tive que viajar para Manaus deixando Tuca com os *kinhá*. Atitude temerária, pois já sabia de antemão o jeito como lidavam com cães. Confiei que dariam um tratamento diferente àquele dispensado aos cachorros da aldeia. Como professora de todos, eu era muito respeitada e nenhum deles queria me aborrecer.

Quando retornei, Tuca estava bem e alegre ao me ver. Talvez estivesse um pouco mais magra, o que já era esperado por mim. Logo os homens vieram me dizer: “*Piare!*” (interjeição para

expressar descontentamento). Esse Tuca não presta! Tuca *bená*! (Tuca não sabe caçar)”. Só então foram me explicar: haviam resolvido levar Tuca para caçar juntamente com os outros cães, situação perigosa até para animais treinados. Só de ouvir o relato, meu coração apertou. Minha cadelinha tão brincalhona não sabia caçar, poderia ter se ferido seriamente! Porém, a sorte estava a seu lado: no meio da mata havia locais alagados e Tuca foi se banhar, como era de seu agrado.

Ao se darem conta de que Tuca havia sumido, ficaram preocupados com minha reação e começaram a chamá-la. “*Kinhá* pensou *Edídi* vai ficar *sakiná* (brava)!” – assim me justificaram. Parece que tiveram que esperar muito até Tuca dar por terminado seu banho. Com isso, acho que a caçada praticamente não rendeu...

Quanto a esse perigo, pude ficar descansada:
nunca mais ninguém quis levar Tuca para caçar!



Barrinhá

Barrinhá quer dizer pequeno e, por extensão, é um termo usado para designar criança.

Os *barrinhá* desde cedo sabiam ser independentes. Participavam do movimento cotidiano da aldeia e observavam as tarefas executadas pelos pais. Não havia proteção excessiva na forma de criá-los, apesar do zelo e do afeto. As crianças tinham liberdade para experimentar através de ensaio e erro. Ninguém facilitava o aprendizado interferindo diretamente.

Em caminhadas pela mata para colher frutas silvestres ou para coletar arumã (fibra utilizada para fazer pulseira e cestaria), era comum crianças bem pequenas tropeçarem em galhos secos ou em pedras e até caírem no chão. A mãe

observava de perto, mas não acudia: respeitava o ritmo da criança para que se levantasse na tentativa de prosseguir. O caminho tornava-se mais longo, pois eram muitos os tropeços; no entanto, a mãe aguardava pacientemente que o filho vencesse os obstáculos. Caso uma queda resultasse em choro, a criança era colocada no colo e acalentada.

O mesmo acontecia com o aprendizado do uso da faca. Utensílio fundamental na vida na floresta, a faca era manipulada por crianças de tenra idade. Um colega de equipe, também professor, costumava brincar com o assunto dizendo que não se podia afirmar que as crianças andavam armadas com faca porque elas mal sabiam andar. Em verdade, uma menina de seis anos já era capaz de descascar mandioca com alguma habilidade e destreza.

Presenciei uma cena surpreendente para mim: uma menina de apenas dois anos comendo acará cozido! Este pequeno peixe possui muitas espinhas, o que torna difícil o ato de comê-lo. A menina sozinha, tranquila e meticulosamente deliciava-se com o peixe: colocava um pedaço na boca e, após mastigar, retirava com a mão uma a uma todas as espinhas. Em nenhum momento ela se engasgou ou precisou de ajuda.

Na aldeia, as crianças ficavam soltas explorando o igarapé e as árvores frutíferas. Quando as mães percebiam que os filhos começavam a se afastar em direção à roça, de onde estivessem elas gritavam: “*Kiriwu aiképa!*” (A cobra vai te morder!). Rapidamente, as crianças retornavam para os limites da aldeia, ao alcance do grito da mãe.

As mulheres tinham um modo muito duro de ralhar quando os filhos faziam arte. Ouvi *Xiriki-*

má Francisca brigar com sua filha usando uma expressão que eu não conhecia: “*Aká kapeiapa!*” (Eu vou te pegar!). Repeti a frase tentando acertar na pronúncia sem me preocupar com a intenção ao dizer. As mulheres acharam graça e me disseram que eu deveria falar “com força” porque era assim que se brigava com *barrinhá*.

Dias depois, estávamos todas na escola durante a aula das mulheres. O mato em volta estava cerrado, precisando ser roçado. *Piananá* Priscila, filha de Francisca, deixou cair alguma coisa por ali e meteu-se capim adentro para buscá-la. Francisca advertiu: “*Kiriwu aiképa!*”. Aproveitei a oportunidade para demonstrar a lição aprendida, sabendo o efeito que causaria. Dessa vez, com toda a força que pude, tentando imitar o tom grosso de sua fala, disparei: “*Aká kapeiapa*, Priscila!”. O inesperado de minha

iniciativa fez com que todas desatassem a rir e até esquecessem a zanga com a menina, que se assustou com meu grito inusitado e rapidamente saiu do meio do capim. Elas não se cansavam de rir e de repetir o jeito como falei e me diziam: “*Kinhá iará berrenipá miá!*” (Você sabe a língua de *kinhá!*).

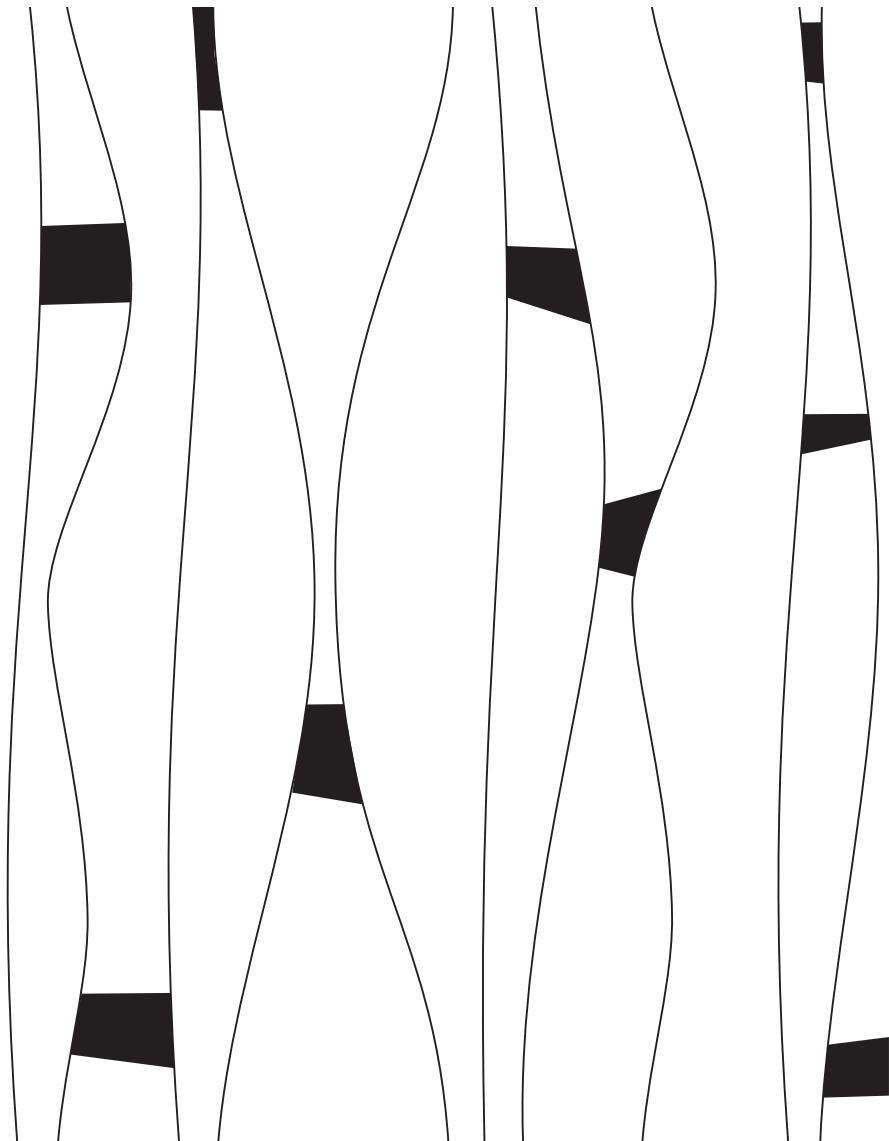
Ao retornar de uma viagem, percebi que haviam entrado na maloca onde eu morava. Os homens me disseram que tinham sido as crianças que queriam passar mercúrio-cromo em um machucado. Não encontraram nada porque eu não deixava remédio nenhum à vista. Levaram uma bronca sem tamanho, pois respeitar a casa do professor era a ordem primeira da liderança da aldeia. Orientaram-me para que não deixasse nenhum *barrinhá* se aproximar da casa: recebi um longo pedaço de madeira para que fosse

deixado junto à porta e, se qualquer um deles tentasse se aproximar, eu deveria empunhá-lo como se fosse bater no incauto visitante. Não queria fazer isso, mas não podia contrariá-los em sua maneira de educar os filhos.

Imadá Janilson, menino muito distraído, esquecendo-se da recomendação do pai (e da bronca que havia levado!), encaminhou-se tranquilamente para minha casa. Mal o avistei perto da escola, fiz como me pediram e gritei: “*War-makî mawa!*” (Volte para lá!), levantando sem a menor convicção aquele pedaço de pau em sinal de ameaça. Ele voltou correndo para sua casa e eu fiquei me sentindo ridícula segurando aquela haste. Aquele gesto era meu? Ou era outra habitante dentro de mim?

Naquele momento percebi que havia ultrapassado meus limites tentando atender à recomenda-

ção dos *kinhá*. Decidi continuar a não deixar que os *barrinhá* entrassem em casa, até que a proibição acabasse. Mas faria do meu jeito.



Baré

Baré era um menino diferente dos outros. Filho do casal mais idoso da aldeia, *Baré* não falava e, por isso, teve que criar um código próprio de sons e mímica para se fazer entender. Todos compreendiam sua gesticulação e seus ruídos. *Baré* era acolhido como uma criança: apesar de já estar entrando na adolescência, ainda brincava com um pequeno arco e flechas sem pontas como os meninos menores.

Ninguém reclamava de suas dificuldades e o tratavam com muito carinho. Alguns comentavam que *Baré* iria sempre brincar com crianças bem pequenas; os companheiros de brincadeira iriam crescer, casar e ter filhos, enquanto *Baré* continuaria a caçar calangos com seu pequeno

arco. Certa vez me perguntaram se eu já entendia a “língua” do *Baré*. Quando perceberam que eu começava a me acostumar com seus sinais e que conseguia compreendê-lo, demonstraram contentamento.

Os *kinhá* costumavam visitar o Posto Indígena Jundiá, próximo à aldeia, nos fins de semana. Um dos atalhos que levavam ao Posto incluía atravessar um tronco de árvore caído que servia de ponte sobre o igarapé. Numa dessas visitas, *Wapimî*, mãe de *Baré*, sabendo que a travessia lhe seria difícil, estendeu a mão para ajudá-lo e disse para o filho menor que já estava na outra margem: “*Baré maiéde.*” (*Baré* não sabe).

Numa tarde, eu estava procurando goiabas maduras, quando vi *Baré* chamando *Wapimî* e gesticulando muito. *Baré* queria que a mãe o acompanhasse até o caminho da roça antiga,

dando a entender que havia flechado uma cobra que, segundo sua descrição, era bem grande. *Wapimí* o acompanhou fingindo acreditar em sua história, porém sorriu para mim e falou em voz baixa: “*Madana* (mentira)!”.

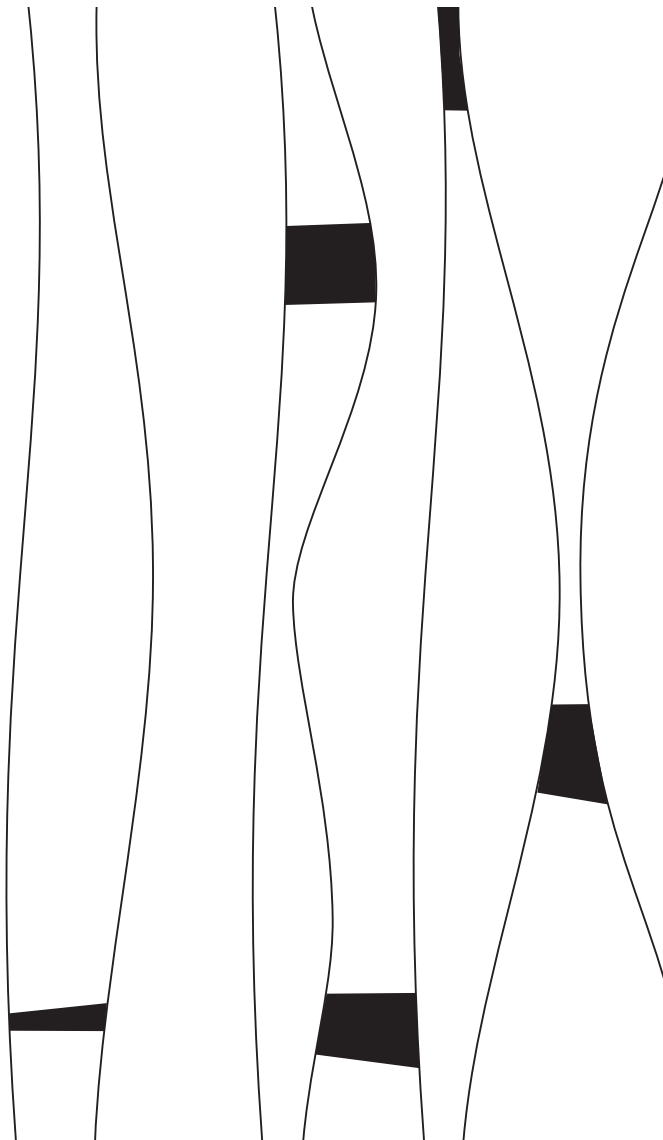
Baré convivia com todas as outras crianças durante as brincadeiras e também na escola. Seus parentes o compreendiam e o aceitavam como ele era. Na sociedade Waimiri-Atroari, não se concebia um adolescente que não auxiliasse nas caçadas. No entanto, com *Baré* não havia cobranças, pois ele era visto como uma eterna criança.

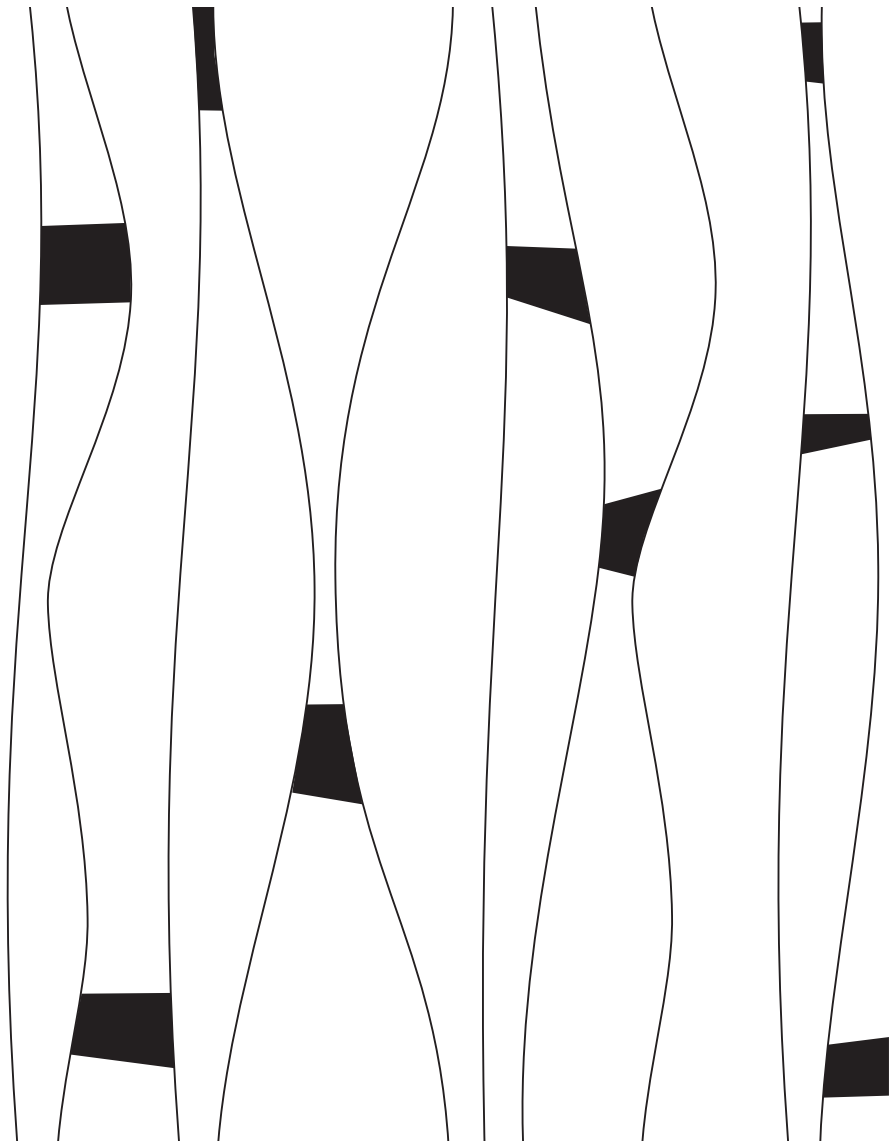
Na escola, eu pedia sempre para as crianças lavarem as mãos antes de pegar em papel e lápis. Essa rotina virou uma festa: todos iam lavar as mãos e gastavam bastante sabão. Entravam na escola mostrando as mãos e dizendo: “*Karan imî* (mão limpa)!”. Às vezes, alguns se esqueciam

da minha recomendação e mostravam as mãos cheias de terra ou lambuzadas de banana como se estivessem lavadas. *Baré* fazia isso todos os dias! Como estava sempre comendo, sua mão a cada dia vinha engordurada por um alimento diferente: peixe, cana, bolo de farinha, carne, caju, etc...

Certa vez vi *Baré* bem zangado. Pediram seu pequeno arco emprestado para demonstrar como soltar flecha. Com a força de um homem adulto, a flecha foi parar muito longe. *Baré* começou a gritar, visivelmente contrariado, por terem atirado sua flecha com tanto impulso. Foi buscá-la e, enquanto se afastava, muitas vezes voltou-se para trás, continuando a gesticular e a reclamar. Os *kinhá* riram muito da zanga do *Baré*, mas reconheceram que ele estava coberto de razão.

Baré, menino divertido e comilão que alegrava a vida na aldeia Xeri.





Opa, perai!

Na convivência na aldeia, eu não percebia demonstração de afeto entre maridos e esposas em público. E esta diferença em relação ao modo como os *kaminhá* manifestam carinho aos seus parceiros também saltava aos olhos dos *kinhá*. Por este motivo, diziam que *kaminhá é maxiwi* (garanhão), o mesmo termo usado para se referir a mulheres.

Mas houve uma exceção...

Havia no Xeri dois casais de idosos: *Iamiremî* e *Sekimî* Pedrosa, *Wapimî* e *Merá* (este último chamado por todos de *Txamirî*, que quer dizer velho). Em função da dificuldade de aprendizado, formou-se uma turma só para eles.

A aula era ao meio-dia, porém *Txamirî* aparecia na escola horas antes já pronto para estudar. Eu

então apontava para o céu para mostrar a posição do sol a pino para que ele entendesse o horário. E todo dia a situação se repetia! Existia nele uma ansiedade de menino em participar do processo de aquisição da escrita, apesar de saber que caberia aos jovens fazer uso dessa ferramenta. Muitas vezes durante as aulas, dava muita risada e dizia: “*Txamirî maiéde...*” (O velho não sabe). Mas se esforçava bastante para dominar o lápis e o papel. Escola para ele era brinquedo levado a sério.

Sekimî Pedrosa falava um português com pouquíssimo vocabulário, porém entendia de modo razoável. Ia para a escola de banho tomado, com roupa limpa e bem cuidada. Excelente artesão, caprichava na letra como quem faz cestos com apuro. Não compreendia o que copiava, mas, ao final da aula, afastava o braço para admirar seu caderno com orgulho.

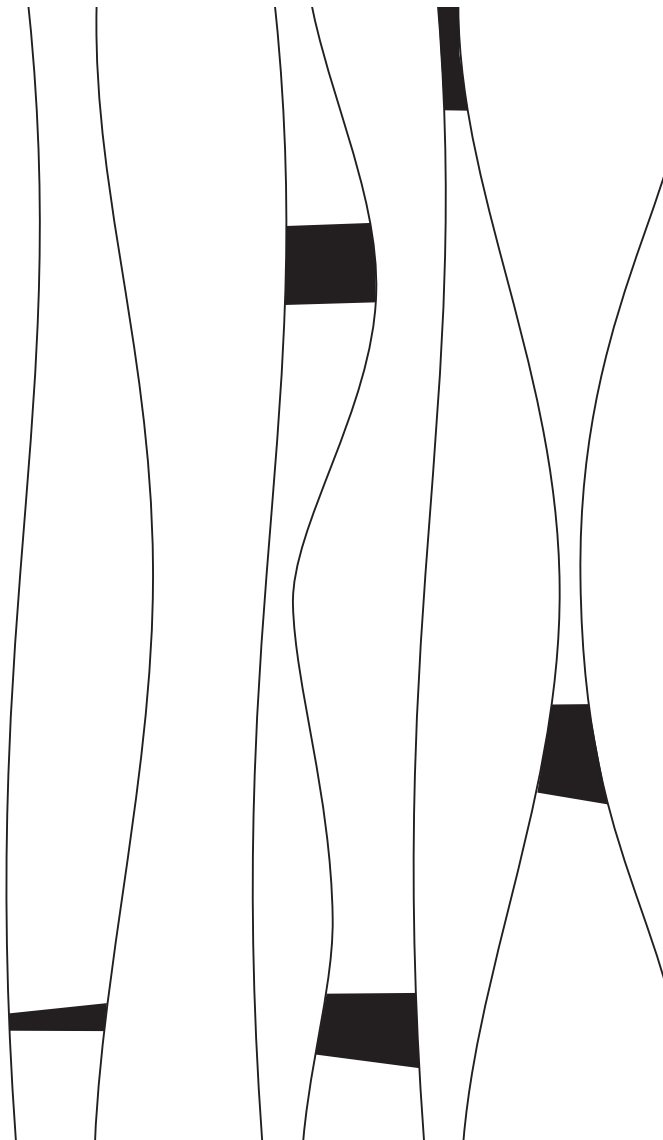
As mulheres idosas iam à escola sem a menor convicção da serventia daquele esforço. No entanto, se divertiam com a tarefa.

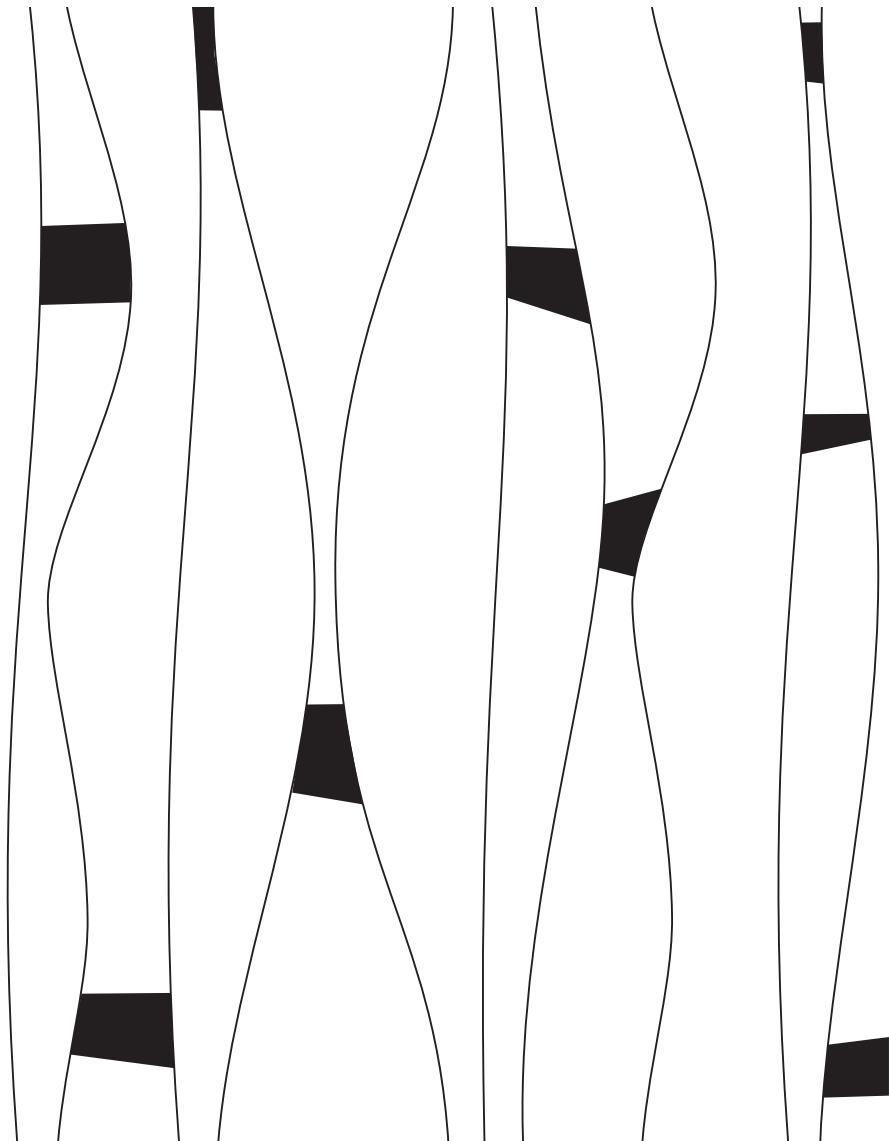
Uma vez, em um dia muito quente, *Txamirî* e *Wapimî* já estavam na escola e nada de aparecer o outro casal. Começaram a se impacientar, chamando por eles: “*Kinhaté!*” (Ô, *kinhá!*). Não houve resposta. Os dois começaram a reclamar muito e tornaram a gritar por eles. E nada! Lá pelas tantas, *Sekimî* Pedrosa e *Iamirentî* apareceram agarrados um ao outro, dando risinhos como dois adolescentes, sem conseguirem se desgrudar. *Wapimî* estava muito brava e não parava de falar. Apesar de não entender o que ela dizia, percebi que os repreendia pela demora (e provavelmente pelo motivo que os fez chegar atrasados!).

Em outra ocasião, estavam os quatro na escola, cada casal sentado de frente para seu com-

panheiro. Pude ver que, por debaixo da mesa, *Iamiremê* começou a esticar a perna até alcançar o marido bem na altura do short e então mexeu os dedos do pé para acariciá-lo. *Sekimê* Pedrosa se assustou com o movimento repentino, inesperado e tão certo em atingir seu alvo e exclamou em português: “Opa, perai!”. Depois sorriu, parecendo satisfeito com a iniciativa da esposa e disse com intenção indecifrável: “É...”.

Iamiremê retirou a perna e sorriu para mim. Simples assim.





Anta de estimação

A primeira vez que vi uma anta não pensei que seria tão de perto. No centro de apoio às aldeias dentro do território Waimiri-Atroari, ouvi dizer que havia uma anta que circulava pelas imediações. Volta e meia aparecia, aproximava-se docilmente, sem demonstrar medo, e depois sumia mata adentro. Recebeu o nome de Anita.

Foram muitos meses até que pudesse vê-la. Quando eu passava pelo local, ainda não havia sido presenteada com tão inusitada visita. Até que, um dia, ouviu-se um assovio um tanto suave, jamais denunciando o tamanho da dona da voz. Rebuliço entre os funcionários. Correria para alcançar as câmeras fotográficas para registrar o momento.

E foi assim que vi Anita. Instigada por uns e outros, a anta chegou a entrar em um dos quartos do alojamento e tive receio de que não soubesse sair. A proximidade de animal tão grande não me deixou à vontade. Achei mais prudente observá-la com reverência respeitosa, sem grandes intimidades.

Numa aldeia vizinha, vi dois filhotes de anta que costumavam aparecer por lá. Como ainda eram de pequeno porte, não viraram refeição imediata dos *kinhá*. Então, pude vê-los na beira do igarapé, bebendo água e comendo folhas. Curiosa cena que mais ainda me assegurava que eu estava mesmo na Floresta Amazônica.

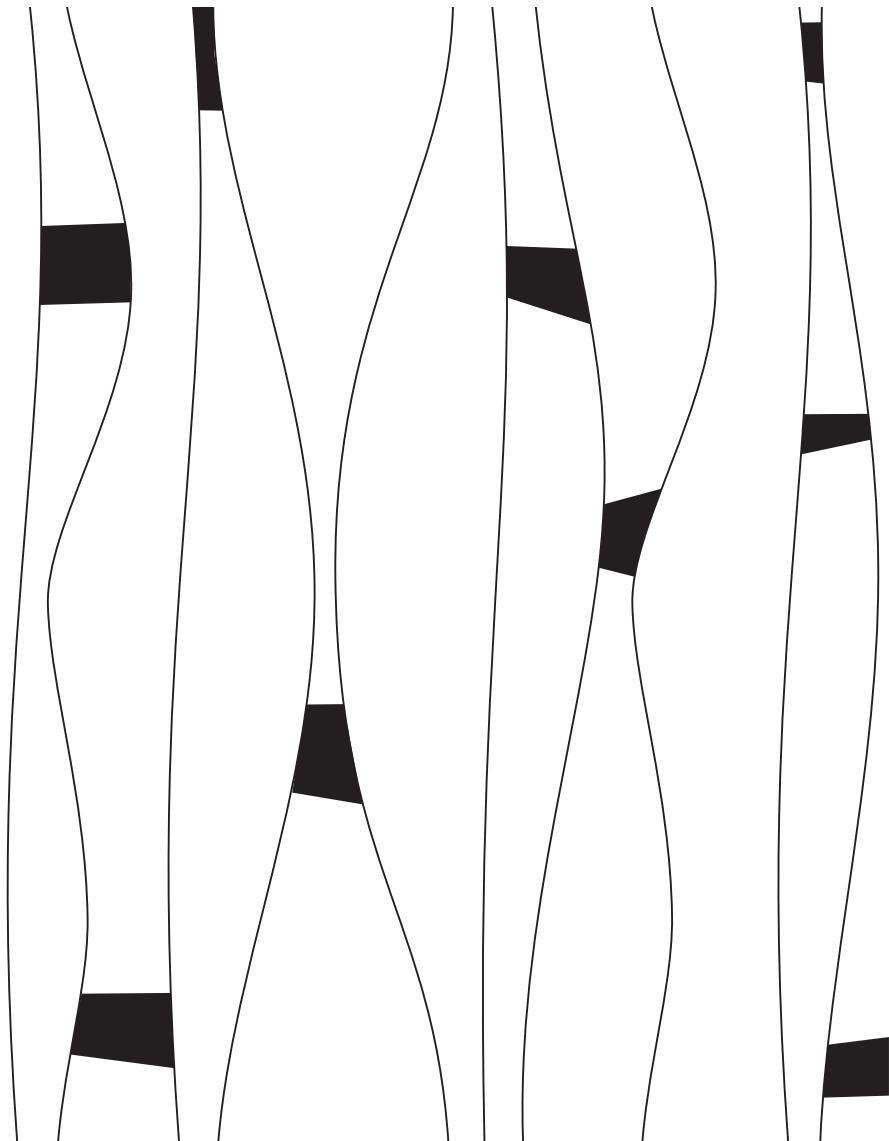
Era de se admirar que os *kinhá* respeitassem uma anta adulta do tamanho de Anita, perambulando ao fácil alcance de uma flecha. No entanto, como nenhum índio morava na base de apoio,

a tentação durava poucas horas, apenas enquanto estivessem por ali de passagem.

Porém, uma ocasião, muitos índios estavam em trânsito e tiveram que lá permanecer por vários dias. Era período de escassez de caça. Muita fome para pouca carne. E, logo nesse momento tão temerário para passeios de uma anta, Anita resolveu aparecer... Os *kinhá* nunca confirmaram, mas o fato é que Anita sumiu de vez.

Quando não havia carne para comer, ficavam muito mal-humorados e reclamavam que tinham fome, apesar da fartura de beiju, farinha e banana. No último dia em que Anita foi vista na base de apoio, podia-se observar nos *kinhá* um certo ar de saciedade que só transparecia quando comiam carne.

Pobre Anita! Anta desavisada que certamente foi parar no moquéu...



Siná não acaba!

Quando cheguei para viver com os Waimiri-Atroari, trouxe na bagagem pensamentos idealizados, uma imagem romântica de índios vivendo em amorosa convivência com a natureza. A rotina na aldeia evidenciou meu desconhecimento completo. Meu olhar estrangeiro silenciosamente censurou muitas práticas que presenciei: derrubadas de árvores apenas para colherem os frutos da estação, aprisionamento e posterior morte de filhotes cuja mãe havia virado refeição, retirada de asas de pássaros e besouros para transformá-los em brinquedos de criança, caçada de calangos apenas para treinar pontaria e mais um sem-número de atos agrediam meus olhos e maculavam a imagem pré-formada que eu mesma havia criado

a respeito do que seriam índios. Minhas referências culturais me apontavam o quão reprovável era aquele comportamento. Assim eu olhava o mundo a partir de meu próprio umbigo, julgando, criticando, condenando.

Com o passar dos anos, me embrenhando naquela vida na floresta, entendi alguns costumes e reforcei minha recusa a outros. Nossos mundos eram diversos, nossas histórias, nosso universo mítico, nossa cosmovisão. Diferentes. Um abismo cultural nos separando.

Havia muita curiosidade dos *kinhá* sobre o mundo dos *kaminhá*. A cada pergunta, eu me via forçada a olhar para meus valores como quem os vê de fora, como se não pertencesse àquele mundo onde havia sido criada e me forjado adulta. E me orgulhei do que vi, mas muitas vezes me envergonhei profundamente.

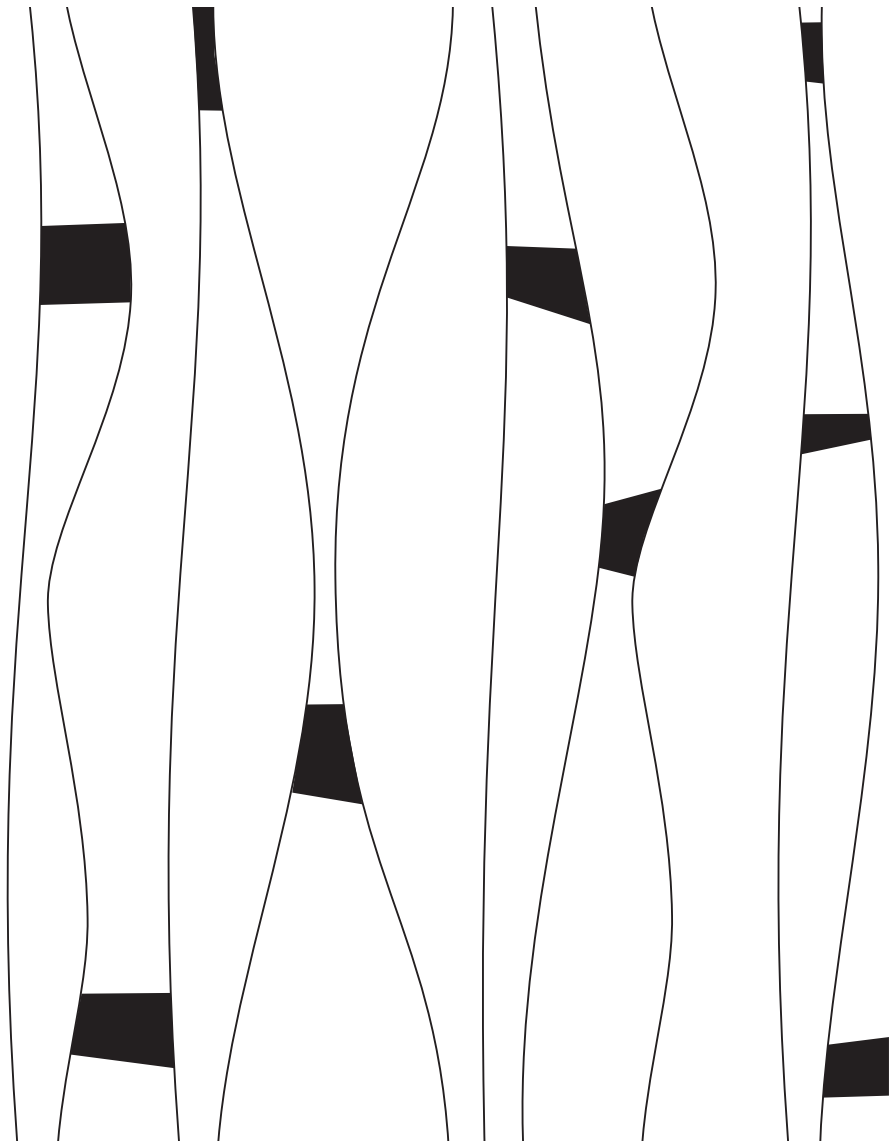
Como explicar a fome para membros de uma sociedade onde o usufruto da roça e das caças é coletivo? Como dizer que os *kaminhá* são capazes de voltar as costas para aqueles que mendigam, que vivem nas ruas à míngua?

Em Manaus, um índio que estava em tratamento de saúde me indagou sobre pessoas remexendo o lixo. O que estariam fazendo? Buscando comida? Diante de minha resposta afirmativa, ele comentou surpreso: “Mas tá *pudre* (podre)! Por que *kaminhá* come comida *pudre*? Vai ficar doente!” E eu acrescentei: “Porque não tem o que comer.” Ao lado, havia uma pequena lanchonete e trabalhadores compravam sanduíches. O *kinhá* achou a solução: “Mas ali tem comida. Por que aquele *kaminhá* não dá comida?” Eu disse que era preciso dinheiro para comprar

e aquele homem que revirava o lixo não tinha emprego nem moradia. O índio incansavelmente argumentava, apontando para uma casa defronte: “Por que *kaminhá* não mora ali?”. Expliquei que aquele homem era desconhecido, não pertencia àquela família. Jamais esquecerei o olhar inconformado daquele *kinhá*. A perplexidade silenciou nossa conversa.

Em outro momento, um chefe de aldeia Waimiri-Atroari soube que nós, os funcionários, recebíamos salário. E a surpresa tomou conta do seu entendimento: ganhávamos dinheiro todo mês? Não parava nunca? E para que *kaminhá* queria dinheiro sempre? Falei sobre as despesas mensais: moradia, luz, comida, água... Fui imediatamente interrompida. Pagar água? “Isso é *madana* (mentira)! Água tá aí!”. E apontando para o Rio Alalaú, completou: “*Siná* (água) não acaba, *Edidi!*”

Não disse a ele a verdade que eu sabia: *ka-minhá* pode acabar com *siná*. Preferi observar a força das águas do rio correndo indiferentes à nossa conversa.



Estrondo de trovão

Numa tarde chuvosa, estava na escola fazendo anotações sobre a tradução de algumas histórias. Volta e meia relampejava e trovejava bastante.

De repente, ouviu-se o que parecia ser um trovão bem forte, mas não dei importância. Até que alguém apareceu de longe, rindo muito e dizendo: “*Txamirî midî nimpia!*” (A casa do velho caiu!). Todos correram para ver. A cobertura da maloca estava no chão, porém ninguém havia se machucado. Os esteios haviam estalado antes de ruir e todos puderam escapar.

Uma maloca durava em média uns 4 ou 5 anos. Muitas vezes não chegava a cair porque, ao escutar algum estalo na estrutura, a família logo abandonava aquela morada, derrubava-a de vez

e construía outra. A maloca do *Txamirê* não deu aviso prévio de que iria cair...

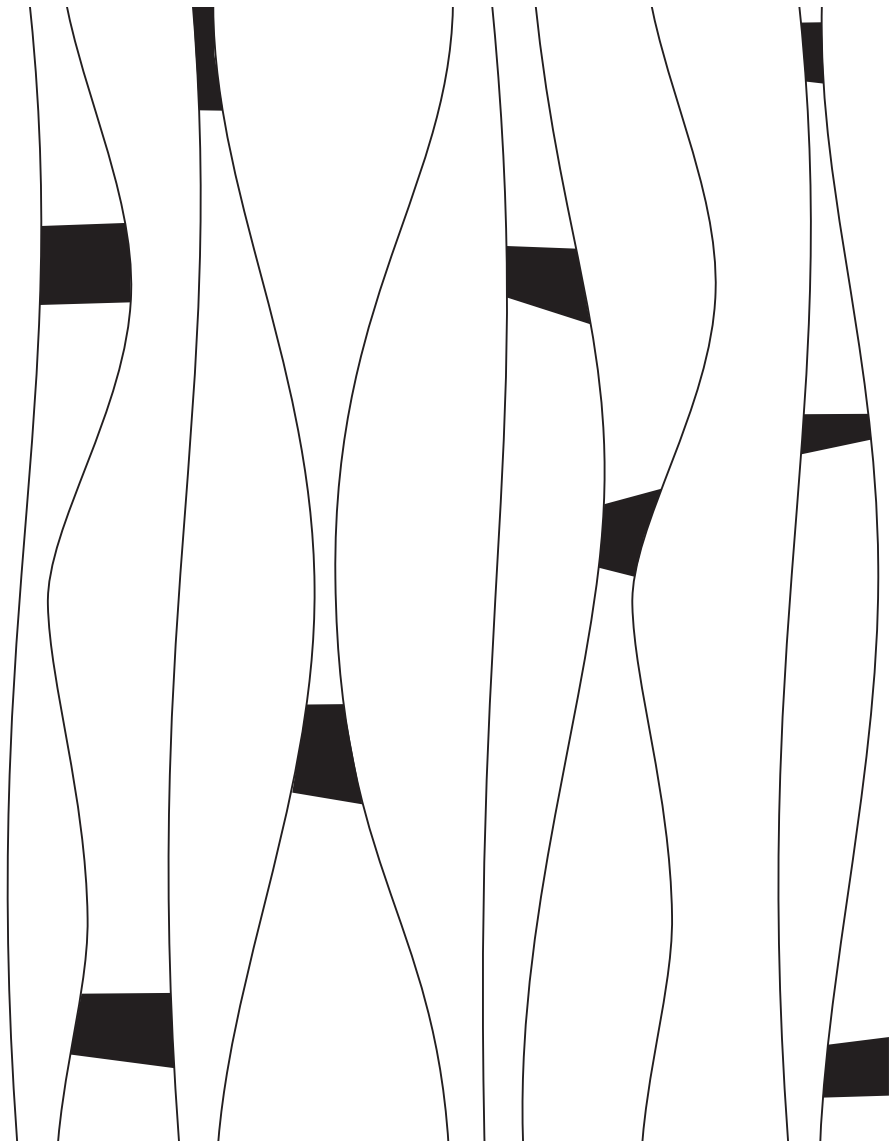
Lá estava a casa no chão e os parentes não paravam de rir! *Txamirê* retirava seus pertences debaixo do que havia restado de sua habitação; coçava a cabeça um pouco contrariado, mas acabava rindo também. Todos em volta reproduziam várias vezes o barulho da casa caindo, imitavam a correria de quem estava dentro da maloca e gargalhavam sem cessar. *Baré*, filho de *Txamirê*, repetia tudo com sua mímica e ria muito também.

A partir dessa noite, a família “desabrigada” passou a ocupar a casa de farinha e, no dia seguinte, já começaram os trabalhos em mutirão para a construção de uma nova maloca ainda maior.

Fiquei surpresa com a reação deles: na cidade, o desabamento de uma moradia é razão para

desespero e angústia. Em sociedades como a deles, ainda era possível retirar da natureza todo o necessário para sua sobrevivência: o arco quebrou, faz-se outro; a casa caiu, constrói-se outra!

Uma casa que cai... Riso ou pranto? Dois lados refletidos no tal espelho em que me via, me desconhecendo e me reconhecendo.



Será que vai chover?

Convivendo com os Waimiri-Atroari, pude vivenciar diversas vezes o significado de “programa de índio” – expressão que tem a conotação de passeio malogrado que só traz transtornos em vez de divertir.

Em uma ocasião, eu estava na aldeia apenas com as mulheres, as crianças e o *Txamirê*. Os outros homens haviam saído para caçar e, possivelmente, não tardariam a voltar. Apesar do céu carregado de nuvens cinzentas, e mesmo sabendo que provavelmente não conseguiriam realizar seu intento, as mulheres e o *Txamirê* decidiram ir pescar em um poço que ficava na beira da BR-174. O argumento para me convencer a acompanhá-los foi im-

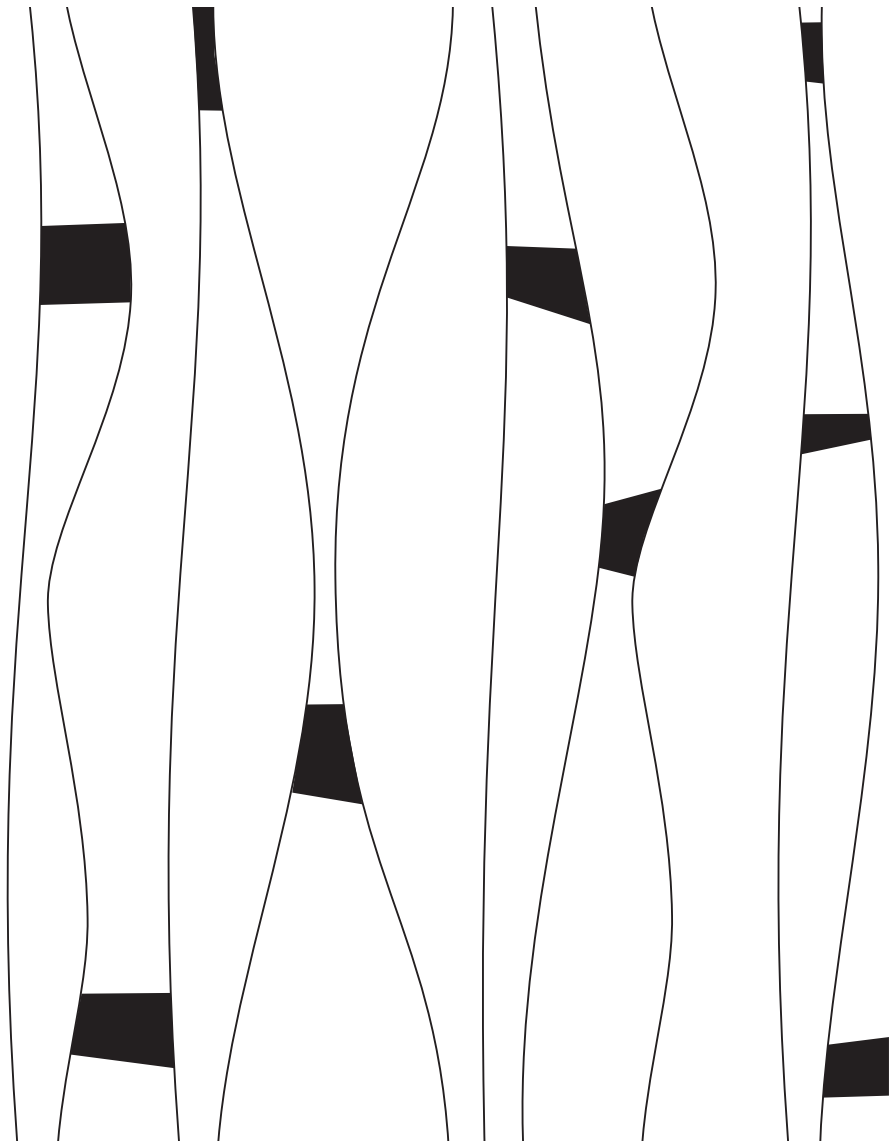
batível: eu iria ficar sozinha, pois todos estavam saindo para pescar.

Tive receio de ficar só, sem saber como me defender caso surgisse alguma onça ou qualquer outra situação que me colocasse em risco. Decidi, então, seguir com eles, apesar do temporal iminente. Perguntei se achavam que conseguiriam pescar, apesar da chuva que se aproximava. A resposta que obtive foi um muxoxo que significa: “Não sei...”

Mal havíamos terminado de caminhar pela estrada vicinal que ligava a aldeia à estrada quando uma forte chuva nos alcançou. Não houve tempo para chegar nem perto do poção. Os *kinhá* cortaram algumas folhas grandes improvisando abrigo e assim ficamos ensopados na beira da estrada esperando a chuva estiar. Muitos minutos depois, por sorte, um funcionário passou de caminhão e nos levou de volta à aldeia.

Fiquei com muita raiva de mim por ter ficado com receio de permanecer sozinha na aldeia e, como consequência, ter encarado aquela chuva toda. As mulheres se divertiram com a minha zanga e disseram: “*Apieme iaké mopiê?*” (Por que você veio?). E elas tinham razão!

Naquele exato momento, ao voltar com as roupas encharcadas, tremendo de frio (e sem peixes!), compreendi na pele o que era fazer um autêntico “programa de índio”!



Tenérikia mié?

Eu me sentia segura com os *kinhá* por perto. A floresta era uma extensão da aldeia, um braço de sua moradia. Algumas vezes caminhei com mulheres e crianças no meio da mata, sem nenhum homem com arco e flecha para nos defender. Eram momentos femininos para buscar sementes ou folhas para confecção de peças de artesanato. Eu não pensava nos perigos que poderia encontrar, apenas me deixava conduzir por elas.

A escuridão que engolia a aldeia em noites sem lua não me amedrontava. Gostava de ouvir o silêncio, xale protetor a me envolver. Dentro de casa, apenas a vela acesa iluminava meus passos. Nas malocas, o fogo garantia a luminosidade e o aquecimento. Tudo era mansidão.

Certa noite, eu já havia me recolhido, quando bateram à minha porta. Eram os *barrinhá* querendo mercúrio-cromo para um quase invisível arranhão. Apenas um deles havia se “machucado” e os outros, solidários, foram acompanhá-lo. Minha maloca era um pouco afastada das outras, ficava além da escola. *Karabaná*, um menino de seus cinco anos, olhando ao redor, me perguntou sussurrando: “*Tenérikia m’isê?*” (Você dorme com medo?). Respondi que não. Ele acrescentou enfático: “*Tenérikia awarimépa!*” (Eu vou voltar com medo!). O pequeno trecho que deveriam andar sozinhos tornava-se extenso aos seus olhos. Voltaram para casa abraçados uns aos outros para ganharem coragem.

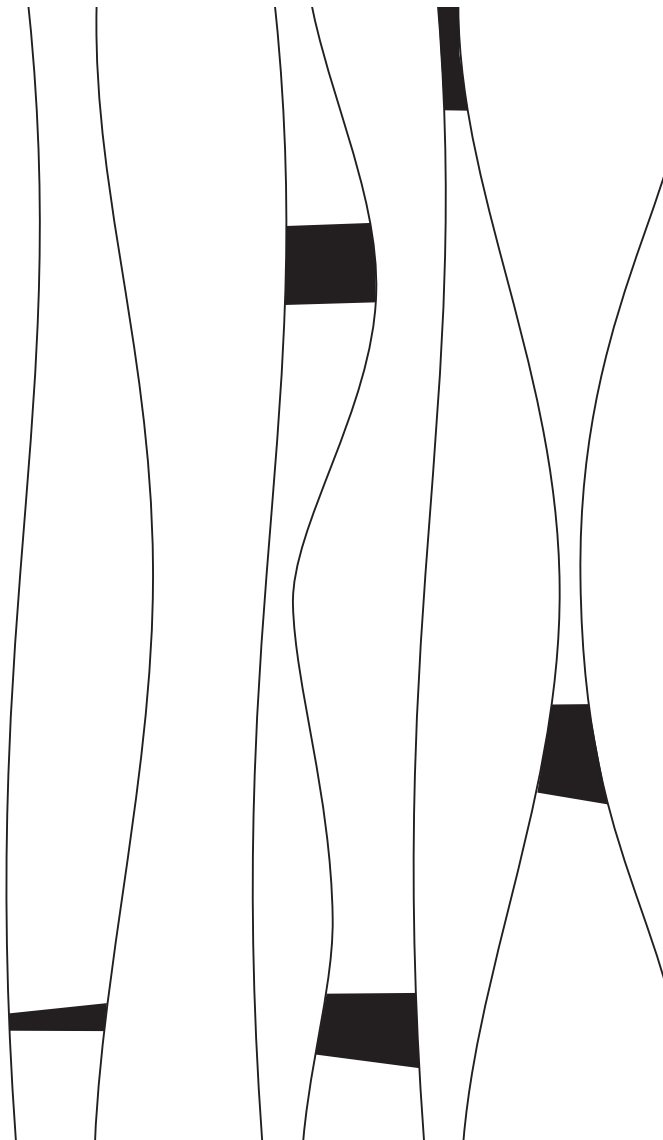
Houve uma vez em que realmente senti medo. Todos os homens tiveram que se ausentar da aldeia sem previsão de retorno, situação muito

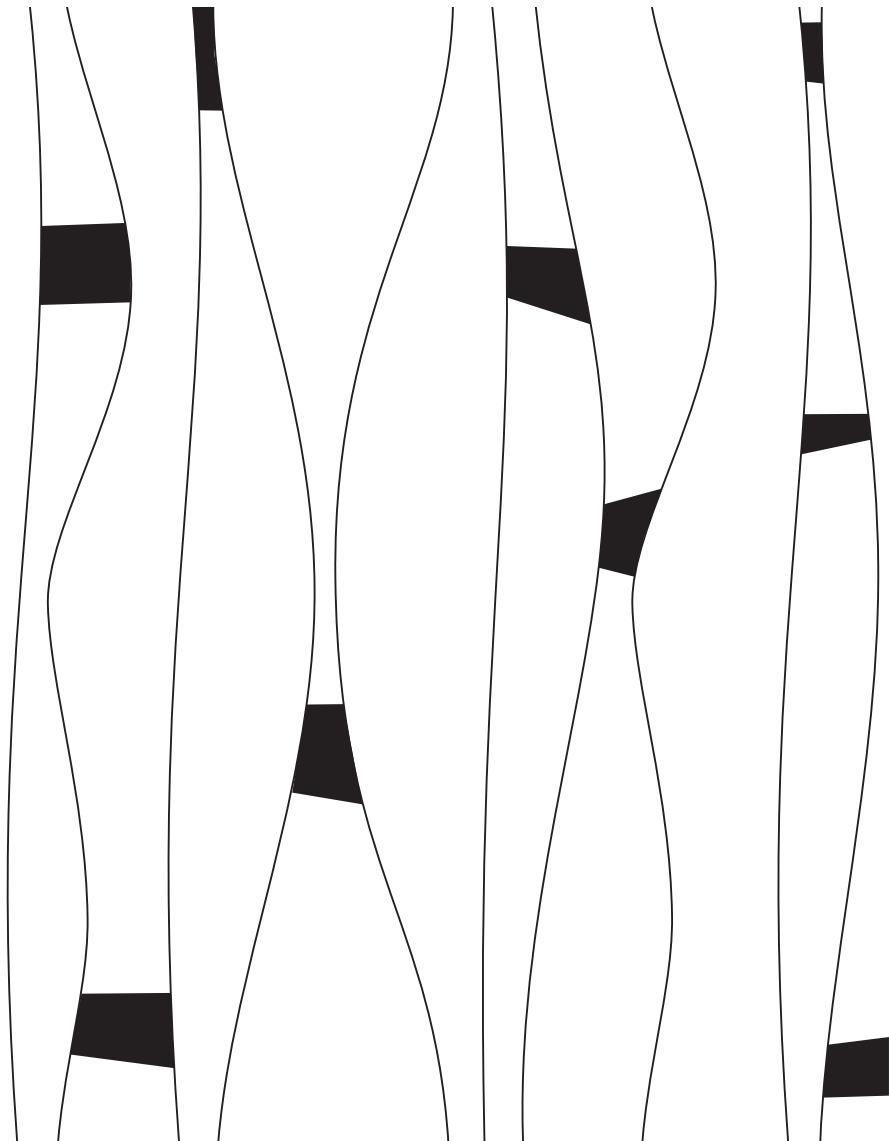
rara. Ficaram apenas o *Txamirî*, as mulheres e as crianças, além de mim. Como única falante de português que havia permanecido na aldeia, eu me senti responsável por todos. O Xeri ficava muito próximo à rodovia que liga Manaus a Boa Vista. Naquela época, havia um afluxo muito grande de caminhões repletos de garimpeiros indo a Roraima tentar a sorte, com sonhos de ouro farto. Enfrentavam qualquer risco, não tinham nada a perder.

A cada ronco de motor que ouvíamos na rodovia, aguçávamos a audição para perceber se algum carro havia entrado na estrada vicinal. Eram momentos tensos. “*Tenérikia mié* (você está com medo), *Edídi?*” Sim, eu estava com medo. Mas tentava tranquilizá-los. As mulheres pensavam em estratégias de fuga caso algum *kaminhá* se aproximasse da aldeia por saber da

ausência dos homens. À noite, eu mal dormia, atenta ao menor ruído. Durante o dia, as tarefas domésticas preenchiam as horas e remediavam nossa preocupação.

Em poucos dias, os homens retornaram, aquietando nosso medo.





Manhãs femininas

Ergo o véu da memória e descortino cenas cotidianas. Vejo gestos rotineiros, ouço ao longe vozes no caminho da roça, sinto o calor amazônico sobre minha pele. Os mosquitos rondando durante o dia, o alarido das crianças brincando no igarapé, os ganidos dos cães – tudo gira no meu caleidoscópio de lembranças.

Um sopro de ar fresco traz as noites de luar intenso que atravessava as frestas da maloca e banhava meus sonhos em prata. À luz de velas, eu preparava as aulas e aquecia a comida que havia feito pela manhã. Eu navegava no silêncio que vinha da floresta. E me deixava levar...

Às vezes, preparava massa de pão e deixava crescer madrugada adentro. Ao amanhecer, o aroma

perfumava o espaço circular da maloca, anunciando que o dia vinha chegando. Pão quente no café da manhã era um afago.

Gostava também de fazer bolos no fim da tarde quando acabavam as aulas. O gosto intuído pelo cheiro adocicado do bolo ao assar no forno envolvia as horas e me trazia outros paladares tão distantes da vida amazônica! Essas memórias de aromas e sabores me ancoravam na vida da aldeia. Eram meu porto seguro feito à mão.

Apurei muito minha audição. Podia ouvir ruídos distantes e reconhecê-los. Essa habilidade recém-adquirida me dava uma sensação de pertencimento, ainda que temporário, àquele ambiente. Eu caminhava segura no dia a dia do Xeri como que protegida pela intimidade com o sossego daquela vida.

As manhãs eram femininas. Logo cedo eu dava aula para as mulheres e a escola se enchia de cho-

ros dos miúdos que se aproximavam para mamar. As mães, sem tirar os olhos das tarefas escolares, curvavam um pouco o tronco para que os filhos de pé junto delas alcançassem o peito. Nunca havia visto tamanha profusão de leite materno. Após o parto, quando as mulheres retornavam à escola, era preciso tampar com o dedo o bico dos seios para que o leite não jorrasse sobre os cadernos.

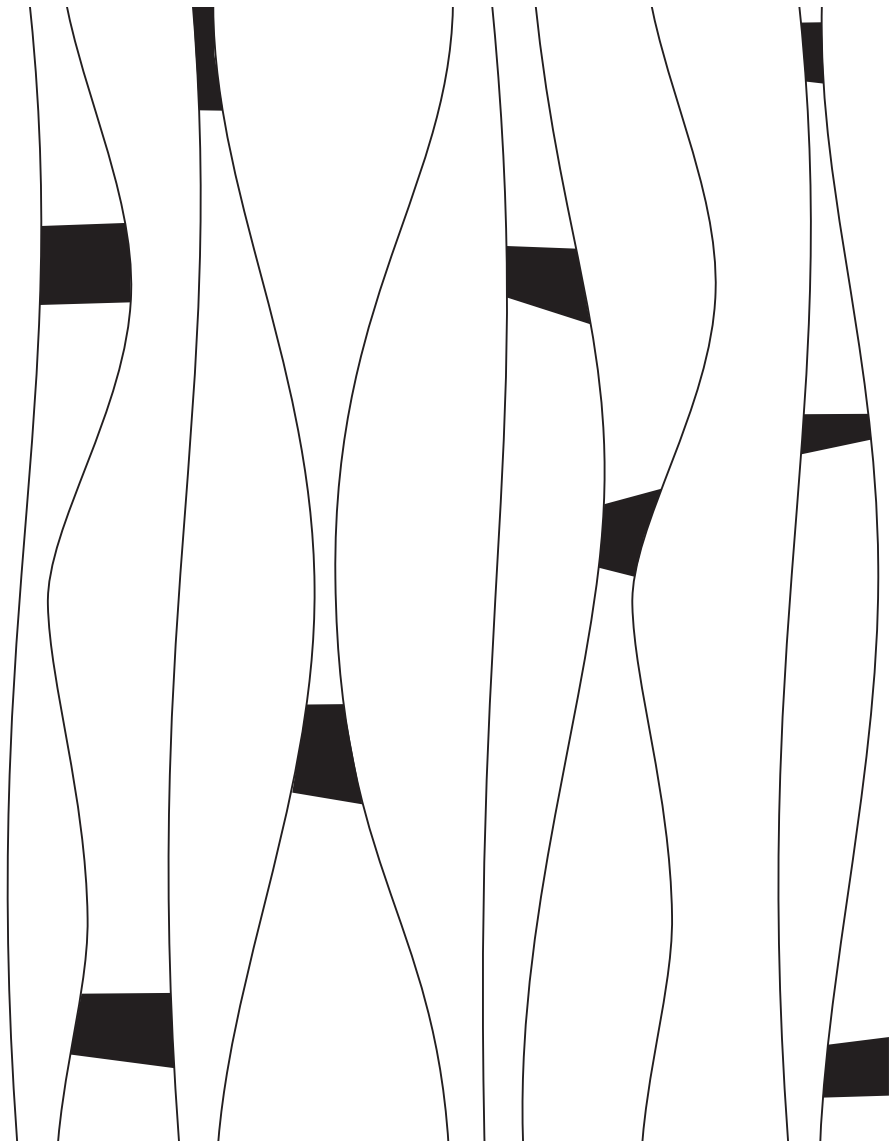
Durante as aulas, havia momentos em que a chuva chegava sem avisar. A aula era momentaneamente suspensa, pois cada uma das mulheres (inclusive a professora!) corria para tirar as roupas estendidas no varal. Como minha casa era bem perto da escola, muitas vezes deixei feijão no fogo enquanto dava aula. Entre um exercício e outro, eu escapava para vigiar o cozimento.

Certa vez, tentei saber durante as aulas como se falava menstruação na língua Waimiri-Atroari.

Ainda não me fazia entender muito bem no idioma, mas me desdobrei como pude. Na minha tentativa de explicar o que eu queria saber, cheguei a mencionar que sentíamos dores na barriga a cada mês. Quando as mulheres me entenderam, caíram na risada! “*Madana, iétipa want!*” (Mentira, não dói nada!). E ficaram me imitando em zombaria: “*Awebirê iétipa! – kipia ka Edídi*” (Minha barriga dói – disse a Edith). E assim eu descobri que elas não sofriam com cólicas!

Eram manhãs de cumplicidade. Os homens saíam bem cedo para caçar, deixando a aldeia mais silenciosa pela ausência dos cães. O dia se espreguiçava sobre as horas. As mães, com os filhos em sua lida doméstica, preenchiam meu olhar de observadora daquele mundo. Mesmo com a alegria ruidosa das crianças, lembro-me dessa quietude matinal.

A aldeia parecia ainda acordar, apesar do intenso movimento. O dia se fazia a cada gesto. E eu, forjada na minha ótica urbana, aprendia a olhar a vida na floresta.



Noites no Xeri

Tenho em mim guardadas as noites sem chuva no Xeri.

Pouco depois de escurecer, todos vinham até a porta da casa de *Parivé* Mário. Ali, embalados pelo silêncio entrecortado de sons dos bichos noturnos, os *kinhá* conversavam. Suas vozes atravessavam a noite emoldurada por um céu cheio de estrelas.

Eu a tudo ouvia e pouco compreendia. Meus poucos conhecimentos do idioma não me permitiam acompanhar com clareza conversas fluentes. Então, me deixava levar pela sonoridade das palavras e pela intensidade dos gestos. Percebia nitidamente o fio que ligava aquelas conversas a um tempo de gerações anteriores. O tempo dos antigos, berço da sabedoria daquele povo.

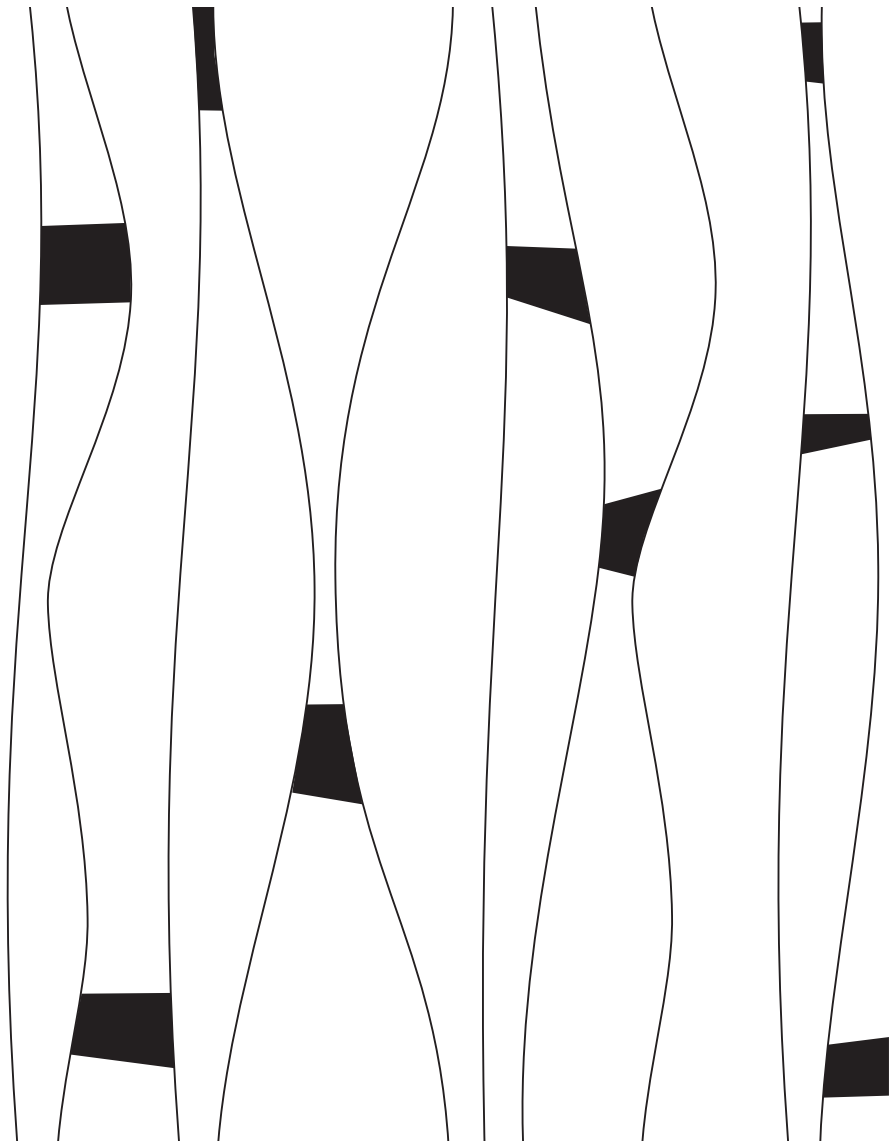
De vez em quando, interrompiam o assunto como que se dando conta de que eu, provavelmente, não estaria entendendo. E de um modo pausado, quase didático, Mário resumia a conversa para facilitar minha compreensão. Quando, ainda assim, eu encontrava dificuldades, recorria então a algumas palavras em português.

Aprendi nomes de constelações, época de plantio e de colheita de mandioca, divisão das roças cultivadas por seus antepassados. Ouvi relatos de viagens e caçadas. E o ar da noite a me envolver com seus aromas e o permanente cheiro de fumaça de carne moqueada.

Por ser uma liderança, Mário viajava muito com os *kaminhá*, e nessas andanças havia conhecido o cinema. E, muitas vezes, vinha a mim para elucidar dúvidas: o que tinha visto era verdade ou *madana* (mentira)? Realidade e ficção se mis-

turavam na justa medida. Lembro-me de que ele ficou particularmente incrédulo ao ver um filme sobre gorilas. Esclareci que esses “macacos” tão grandes realmente existiam em terras bem distantes da Amazônia, para além do oceano.

Algumas noites depois, na porta de casa, Mário compartilhava impressões com toda a aldeia sobre um filme que havia assistido. E afirmava que era tudo verdade: um macaco enorme que subia em cima de um prédio muito alto carregando uma moça em sua mão... Tive que interrompê-lo. Esse era King Kong e não era real. Desta vez, ele ficou mais incrédulo ainda: “Por que *kaminhá* inventa esse?”. “Pra se divertir”, eu respondi. Minha explicação não o satisfez e seu olhar denunciava que ainda havia muito que aprender nessa convivência com o mundo para além das fronteiras de *kinhá itxiri* (terra dos Waimiri-Atroari).



Eco de risadas

Ao aguçar minha memória auditiva, ouço muitas risadas inundando a vida na aldeia. Na beira do igarapé, no caminho da roça, na porta das malocas – a alegria preenchia o ar. Havia uma vocação para descobrir graça nos acontecimentos mais corriqueiros. Os homens, principalmente, tinham um senso de humor apurado. Sabendo da falta de conhecimento acerca de sua cultura, “abusavam” da ingenuidade dos professores não índios e se divertiam nos enganando com falsas verdades...

Certa vez, um *kinhá* adolescente se ofereceu para me ajudar a colher aipim (macaxeira, como é chamada na região). Eu precisava mesmo de auxílio, pois não fazia a menor ideia da dife-

rença entre mandioca-brava (matéria-prima da farinha) e uma raiz comestível. Imaginando que eu ignorava esse assunto, *Warai*, homem adulto, ao passar por mim e pelo jovem, olhou para as raízes colhidas e disse: “*Minhá* (mandioca-brava). *Barrinhá maiéde*. (criança não sabe)”, referindo-se ao adolescente que teria colhido a raiz errada. E virou as costas indo na direção de sua casa sem nem olhar para trás.

Eu fiquei aturdida e muito preocupada! E se o jovem estivesse enganado? Mandioca-brava é venenosa se preparada de modo inadequado. Durante a feitura da farinha, inúmeros acidentes aconteciam com crianças que, inadvertidamente, bebiam tucupi (líquido extraído da mandioca-brava e que só é comestível depois de cozido por muitas horas) e poderiam morrer caso o socorro não fosse imediato. O jovem

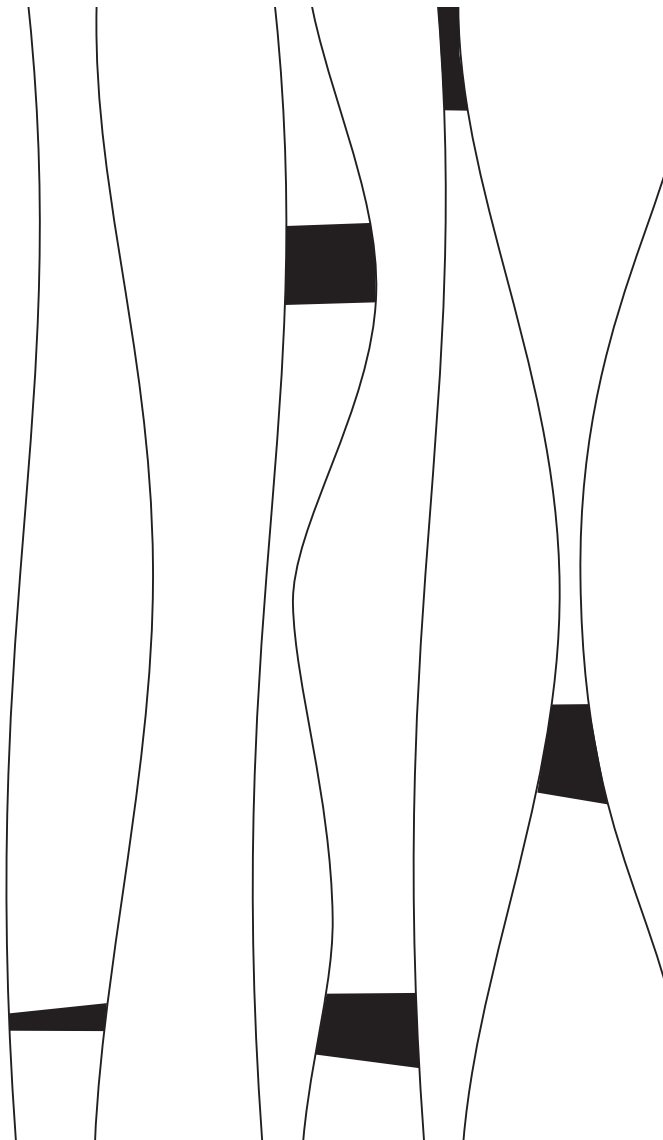
repetia que aquilo era *macaxirá* e se mostrava convicto que eu poderia comer sem risco. Mas a dúvida tomava conta de mim... Até que outro adulto me tranquilizou: “É *macaxirá* mesmo, *Edídi*. Isso é *madana* (mentira) de *kinhá*!”. Ao longe, na porta de casa, *Warai* gargalhava e apontava para mim: “*Tenérikia waaaaapi!* (muuuuuuito medrosa!) *Kaminhá maiéde!* (*Kaminhá* não sabe). E todos riram muito daquela minha inocência em assuntos amazônicos.

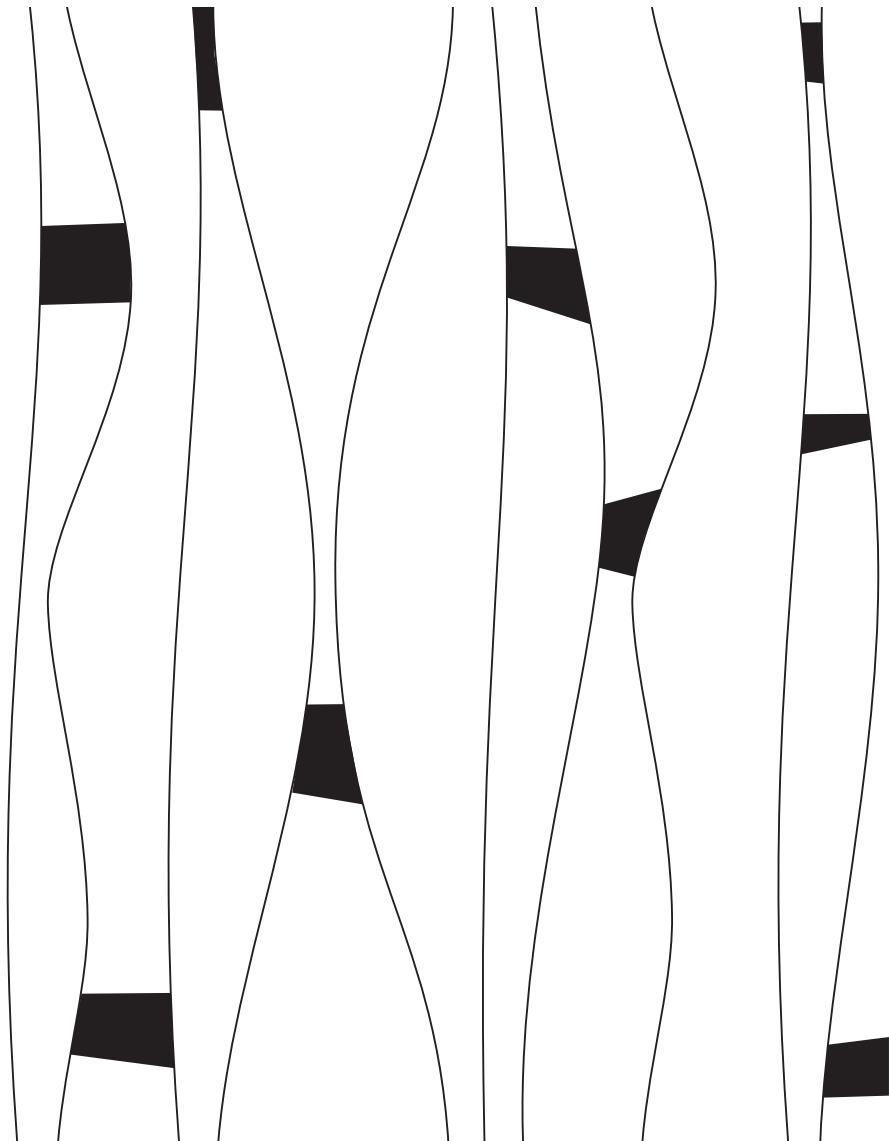
Em outra ocasião, enquanto faziam farinha, a conversa girava em torno do ombro engessado do *Txamirí*, que havia sofrido uma queda ao subir no esteio da maloca para pendurar um cacho de banana. Logo surgiu a curiosidade sobre como faziam antigamente em casos como este. Imediatamente, sem titubear, começaram a contar que matavam quem se acidentava porque não serviria

mais para o trabalho. Como que orquestrados, todos foram confirmando o fato: “Não prestava mais, então *kinhá* matava...” Tive que conter meu espanto, procurando entender as razões que levavam a um ato tão drástico. O jogo durou alguns minutos até que o silêncio foi interrompido por sonoras gargalhadas. Era brincadeira! Alguns índios ali mesmo da aldeia já tinham fraturado o braço e haviam sido tratados com talas e unguentos feitos com recursos da mata.

Mais uma vez meu olhar estrangeiro havia me traído. Ao acreditar nessa falsa verdade, imediatamente me flagrei pensando no domínio de recursos médicos e avanços tecnológicos da sociedade não índia em comparação com os Waimiri-Atroari.

Por mais que eu me esforçasse para entendê-los e reconhecesse sua sabedoria, eu era e sempre seria ali uma *kaminhá* fora do meu mundo.





Pressa e zanga

Recuo no tempo e me vejo novamente no coração da Amazônia. Memórias temperadas pela distância, amadurecidas com o passar dos anos. Estranha sensação de ser protagonista no ontem e espectadora agora neste exato momento em que escrevo, como se cenas de um filme que vivi há mais de duas décadas se passassem diante dos meus olhos.

Acordar, comer, adormecer – em tudo havia o novo para mim, o diverso de mim. Posso sentir ainda o gosto do ingá, da pupunha, do buriti. A delícia de descobrir o maracujá do mato tão adocicado e tão farto ao alcance da mão. Intensos aromas me envolvem e me remetem àquele tempo da vida em aldeia.

Havia as brincadeiras dos *barrinhá* que tanto me diziam da cultura dos Waimiri-Atroari. Muitas vezes, durante a aula das mulheres, pela manhã, os pequenos cantavam e dançavam *maribá* (palavra de sentido amplo que abrange os conceitos de festejo, canto, dança, ritual). E eu os observava e tentava entender aquele universo.

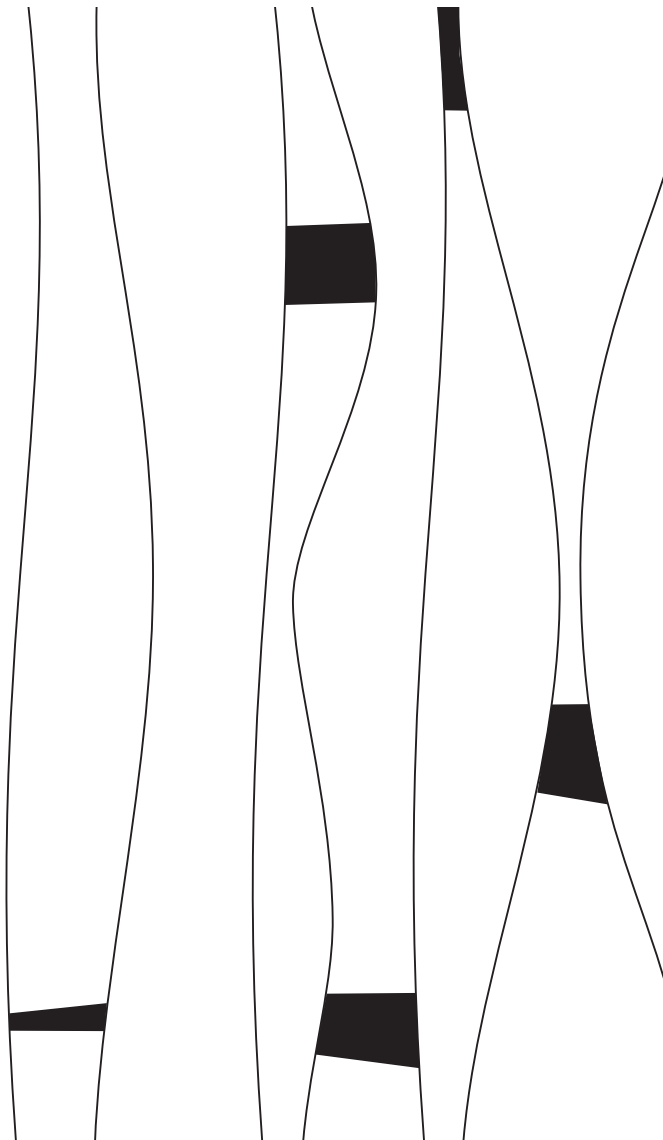
Enquanto eu ainda engatinhava no idioma, que, na verdade, nunca dominei, as crianças, sem perceber, me ensinavam. Às vezes, por ignorar como dizer um verbo no passado imediato, eu empregava erradamente o passado remoto e as crianças me corrigiam em língua materna, dizendo que aquilo não havia acontecido há muito tempo e sim havia acabado de acontecer. Desse modo, me mostravam como empregar corretamente aquele verbo – meus pequenos e adoráveis professores!

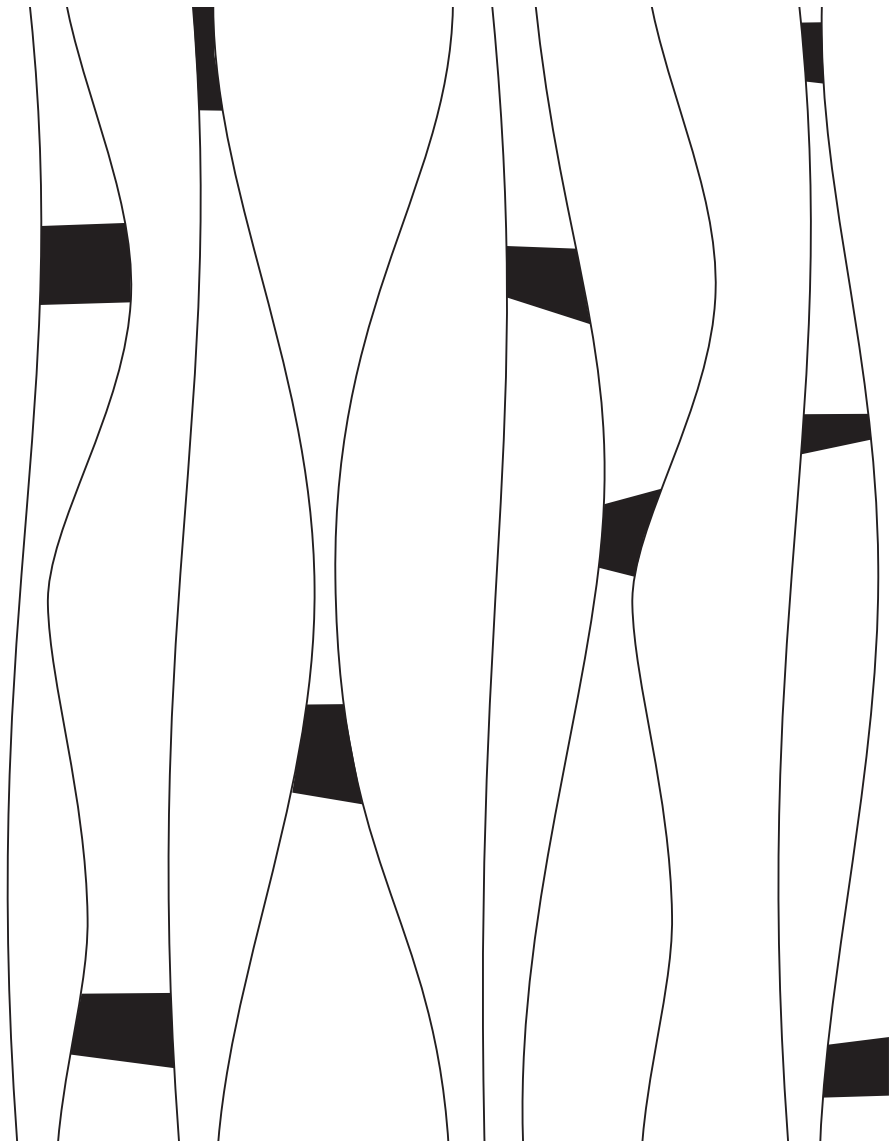
Havia nos adultos um quê de criança. A pressa em saciar um desejo por comida estava sempre presente. Era comum comerem frutas ainda verdes. Em uma ocasião plantaram melancias na roça – fruta que não fazia parte de sua cultura alimentar. Não sabiam que por dentro a polpa madura é vermelha, pois a colhiam e comiam quando ainda estava muito esbranquiçada. No Posto Indígena Jundiá, havia um jambeiro que nunca soube o que era ter frutos maduros no pé. Mal despontavam os pequeninos jambos, alguém já os colhia e os frutos viravam história do que poderiam ter sido. Digo isso porque amo jambos e lamentava não poder degustá-los em plena madurez!

Por motivos inesperados e corriqueiros, também se zangavam facilmente. Iam do riso à zanga num piscar de olhos. Pavio curto mesmo.

Fechavam a cara e logo me diziam dando as costas: “*Kaminhá* não sabe!”. Horas depois, se aproximavam de mim na tentativa de se desculparem pela reação intempestiva. “*Sakene mié, Edidi?*” (Você está brava, Edith?). Eu respondia que eles é que haviam ficado bravos comigo. “*Kinhá* é assim, *Edidi, sakiná wapi* (muito bravo)!”. E davam risadas! A zanga era momentânea e depois o motivo não importava mais. Como crianças.

Fecho os olhos e ouço o riso, me lembro da zanga e vejo vários rostos. Alguns com muita nitidez; outros esfumados pelo tempo. Os cabelos bem negros e lisos, a pele curtida pelo sol, os pés grossos pelo muito caminhar em solo quente coberto de piçarras. Os *kinhá* guardados em retratos na memória.





Mulheres-raízes

Para mim, as mulheres Waimiri-Atroari pareciam árvores: pés fincados na terra, brotando alimento e produzindo sombra protetora. Uma força telúrica as fazia majestosas, fartas de leite e disposição para o trabalho. Onipresentes na vida em aldeia, as mulheres teciam o dia a dia, imprimindo ritmo ao cotidiano.

Não havia espaço para a fragilidade feminina. Desde cedo treinavam sua força física. Ainda meninas, para ajudarem a mãe a carregar lenha, recebiam um pequeno jamaxim (espécie de “mochila” de palha pendurada às costas por uma faixa feita de fibra apoiada na testa). Na divisão de tarefas cotidianas, tudo que se relacionava à casa era função feminina. Afazeres como

cuidar da comida, da lenha e dos filhos cabiam às mulheres. Caçar, prover, fazer flechas e arcos, produzir cestaria, cuidar da roça e construir malocas eram tarefas atribuídas aos homens.

Munidas de machado, as mulheres rachavam lenha com facilidade. Quando havia quantidade suficiente para um grande feixe, acomodavam tudo no jamaxim, se agachavam e colocavam o *amotã* (faixa feita de fibra) em torno da cabeça, na altura da testa. E para conseguirem erguer tamanha carga, se apoiavam em restos de troncos e, com incrível força, baixavam o queixo e ficavam de pé. Com os braços livres, muitas vezes carregavam um filho pequeno que não sabia andar. E assim, com o corpo curvado para frente, voltavam para a maloca e ainda eram capazes de parar no caminho para trocar palavras com algum parente. Não tenho ideia do peso que

carregavam, só sei que era demasiado. Certa vez um funcionário não índio, homem forte acostumado a serviços braçais, tentou erguer do chão um jamaxim cheio e não conseguiu.

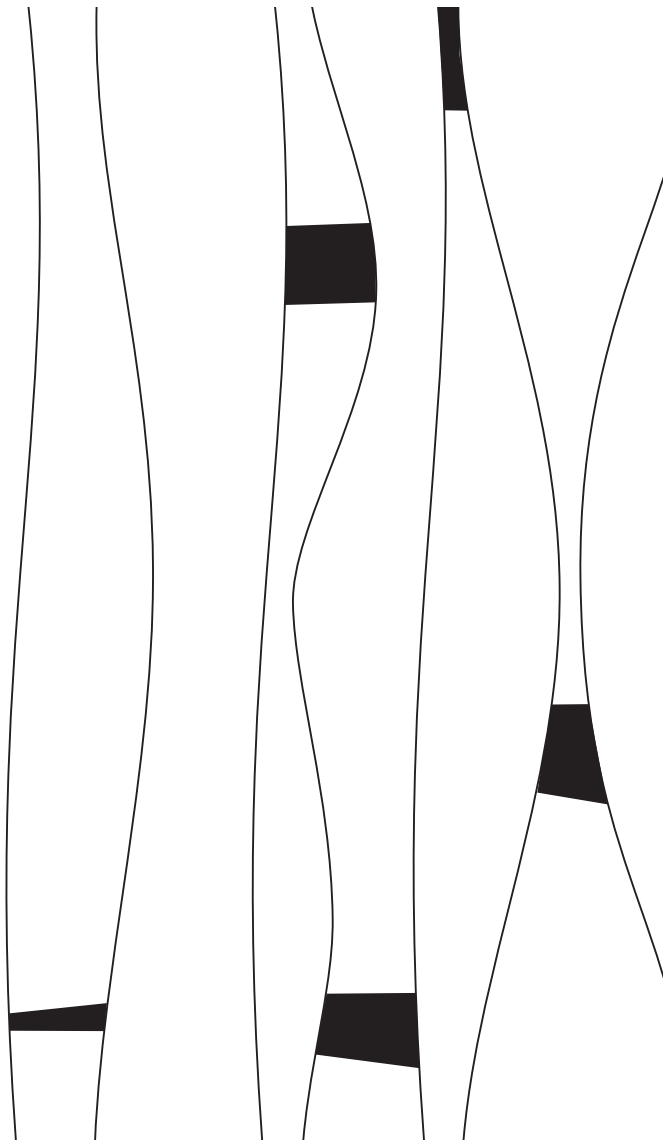
Levantei um machado na tentativa de reproduzir o movimento de rachar lenha e vi o quanto era pesado para minhas mãos e meus braços não acostumados a esse serviço. As mulheres sempre riam da minha “fraqueza”, da minha falta de força física. Tentava explicar que, na sociedade dos *kaminhá*, o homem é quem carrega peso e elas replicavam que mulher de *kaminhá* é preguiçosa. E as gargalhadas se faziam ouvir mata adentro.

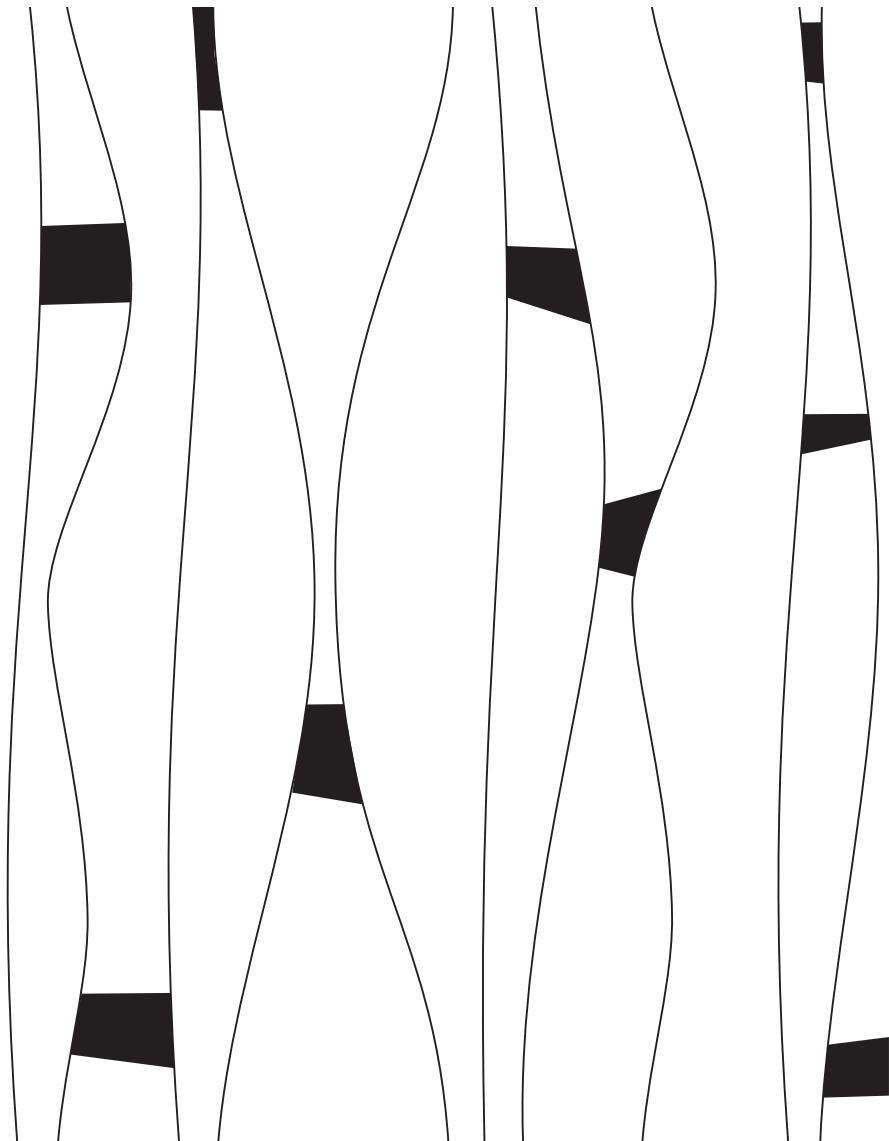
Achei que já havia presenciado suficiente demonstração de força até ver um homem Waimiri-Atroari carregando um imenso caititu nas costas! Para aliviar seu peso, me ofereci para carregar

o arco e as flechas, achando que seria leve carga. Para minha surpresa, o longo arco pesava em minha mão e tombava ora para frente, ora para trás, arrastando no chão da estrada. Minha inabilidade mais uma vez foi alvo de riso!

Todo serviço era muito pesado. Tudo era feito à mão e em grandes quantidades. O trabalho era sem fim enquanto houvesse luz do dia. As incansáveis mãos femininas iam e vinham na lida doméstica. Ao entardecer, trançavam pulseiras ou teciam a corda feita de fibra de buriti para confeccionar redes. Nesses momentos, me ensinavam os trançados.

Eu admirava aquelas mulheres tão parideiras, tão trabalhadeiras, tão fortes. Companheiras.





Flor nas águas

Durante todo o período em que vivi na Amazônia, tive a sorte de nunca me defrontar com o perigo. A proximidade de algum bicho que pudesse oferecer riscos sempre foi mediada pela ação imediata dos *kinhá*, sabendo o momento exato de atacar e de defender. Perto deles nem pensava no que poderia me acontecer no dia a dia da aldeia.

Apesar disso, me vi em situações de temor por saber da presença de algum animal rondando. Onça, cobra, escorpião. E tantos mais que eu nem conhecia. O mesmo temor eu vi nos olhos de alguns *kinhá* de passagem por Manaus. Violência urbana, doenças graves, profusão de automóveis velozes no labirinto das ruas. E outros tantos perigos que eles nem sonhavam conhecer.

O que é diverso do reflexo no espelho pode fascinar e amedrontar.

Alguns macacos surpreendiam meu olhar. O macaco-aranha me intrigava com seus olhos enigmáticos, os longos braços negros e peludos me lembravam patas de aranha-caranguejeira que tanto me aflige com seus movimentos lentos. Havia um macaco-prego que, inusitadamente, vivia abraçado na garupa de um cachorro vira-lata da aldeia e ali passava os dias, o cão determinando o caminho que o macaco iria percorrer. Raras vezes e durante breves instantes vi este macaco se afastar de seu guia. O que o “prendia” ali? Necessidade de aconchego? E por que o cachorro permitia? Talvez fosse bom aquele permanente abraço de macaco...

Logo que cheguei às terras dos Waimiri-Atroari, eu morava no Posto Indígena Jundiá. E lá vi bandos de borboletas amarelas pousadas nas rou-

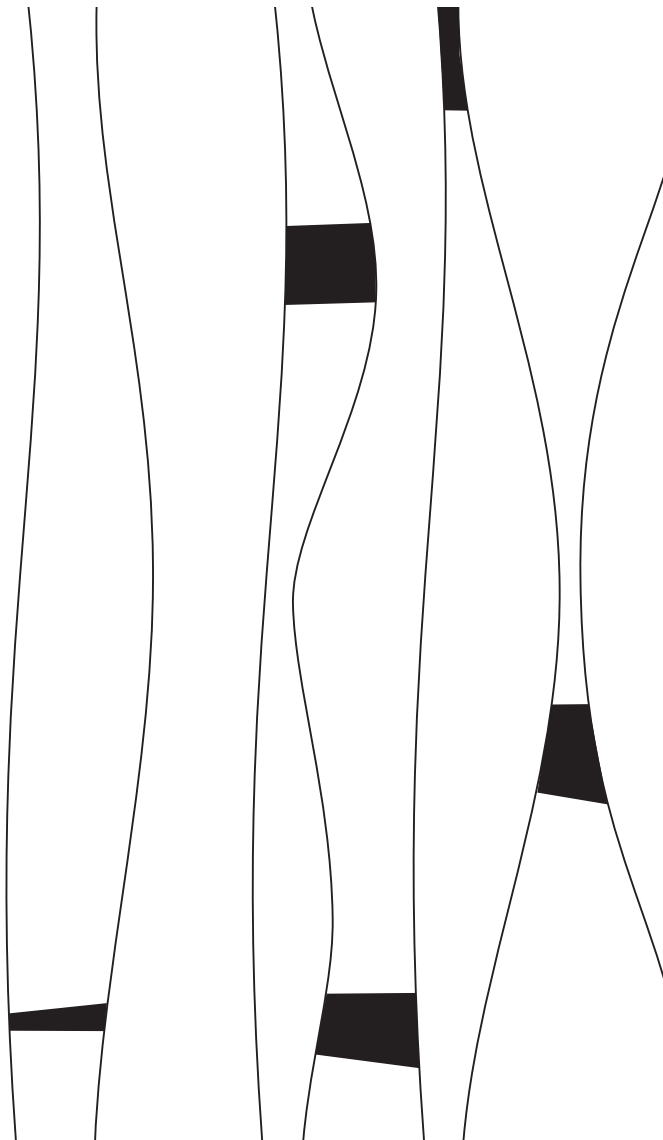
pas de molho na beira do igarapé. Ao me aproximar delas, alçavam voo, envolvendo-me em nuvem alada, colorindo a paisagem, enfeitando o ar – como uma cena saída das páginas de um livro que tenho guardado em mim.

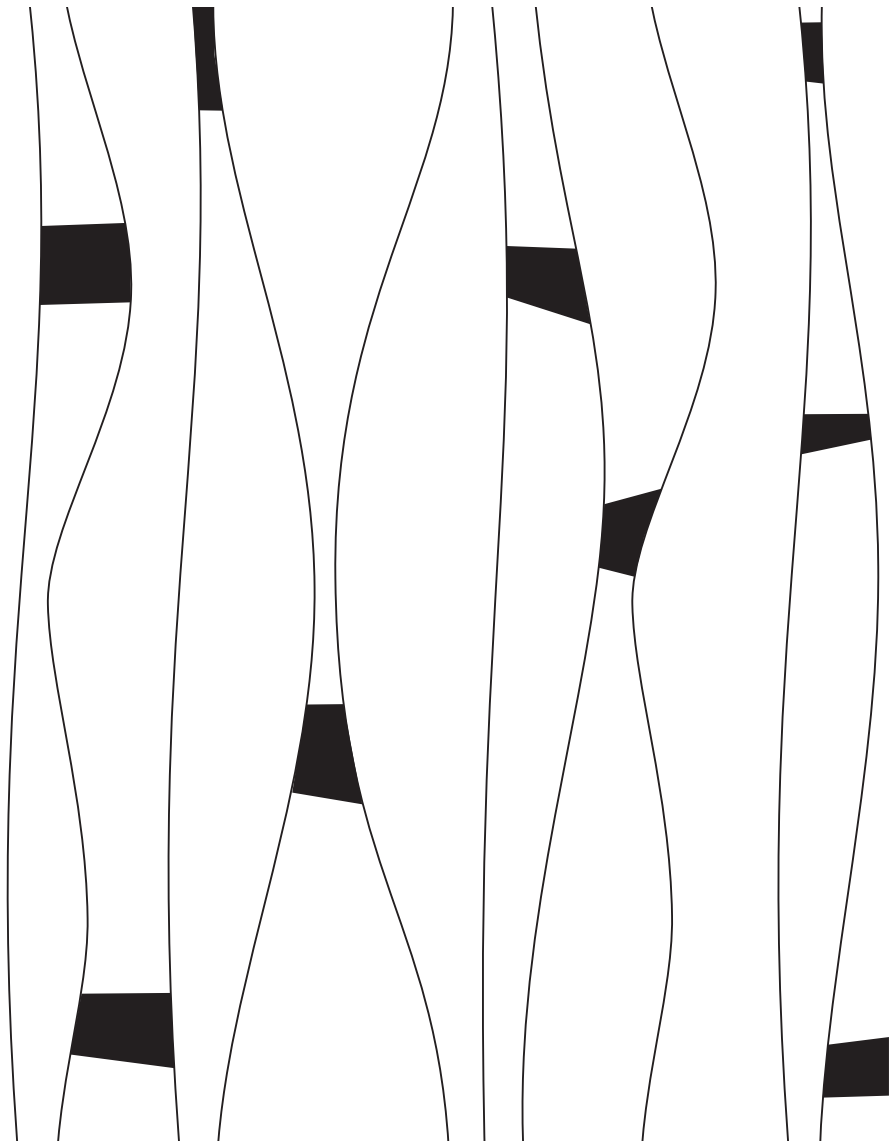
Nesse mesmo igarapé, vivenciei uma experiência indelével e mística.

Fazia algum tempo que estava imersa naquele mundo e me cercava de dúvidas. Eu me sentia enredada no cotidiano que, como o cão-guia do macaco, me conduzia através dos dias. Começava a me dar conta de que eu seria apenas um minúsculo ponto visto por quem sobrevoasse a floresta. Eu e todos os meus medos temperados pelo fascínio do novo. O canto triste dos tucanos ajudava a tornar mais melancólica aquela ida ao igarapé para me banhar. Então, no meio das águas, eu chorei. A solidão me envolvia, a saudade

da minha vida deixada para trás sufocava. Olhei para o céu claro sem nuvens e minha voz explodiu quase em um grito: “Será que estou certa?”. Minha cabeça girava na velocidade dos meus pensamentos inseguros. Ficar ou partir? Com o rosto banhado pelas águas dos meus olhos, vi que uma flor solitária vinha boiando na minha direção. Apenas uma. Mal pude acreditar ao perceber que era uma flor que minha avó materna gostava de cultivar e que emoldurava a varanda de sua casa. Nunca antes havia visto tal flor naquele cenário e sua presença me parecia incompatível com o clima amazônico...

A flor interrompeu seu fluxo e parou na minha frente, ao alcance das minhas mãos. Peguei delicadamente a flor enviada por minha avó e entendi que não só os *kinhá* velavam meus passos naquelas paragens. E fiquei.





Despedida

No breve espaço de aprender, quase quatro anos se passaram. Meu corpo começou a dar sinais de cansaço. A sensação de não pertencimento àquele mundo lentamente foi se apossando de mim. E também a saudade da minha terra, do mar da minha infância, do céu da minha cidade, dos meus parentes e amigos, das minhas raízes. Precisava voltar para casa. E voltar significava partir. Deixar para trás o Xeri e os *kinhá*.

Poucos meses depois de ter chegado para viver com os Waimiri-Atroari, testemunhei *Kaaba* Soraia desfiando vários nomes de *kaminhá* que estiveram com eles e que um dia haviam ido embora. Em toda despedida as mulheres não índias choravam. “Mulher de *kaminhá* é *wairá* (chorona)”, comentou sorrindo e, em seguida, disparou:

“*Edídi* também vai chorar?”, já antevendo minha partida anos depois. Brincamos com essa provável situação futura e demos muita risada. As *kinhá* imitavam um choro sentido e gargalhavam. No fundo, nós todas sabíamos que esse dia chegaria e que não seria mesmo temperado com riso...

Muito deixei de contar neste livro. Não descrevi as viagens para as aldeias na área dos rios Curiaú e Camanaú, nem a subida e descida pelo rio Alalaú a bordo de motor de popa. Não enumerei os peixes carnudos que saboreei e que até hoje aguçam meu paladar. O açaí colhido, amolecido de molho no sol e preparado na hora, de sabor inigualável. O vinho de bacaba, a fartura de variadas qualidades de generosas bananas que brotavam na roça.

Poderia ter mencionado a rádio holandesa com transmissão em ondas curtas de um programa de música brasileira que trazia notícias

de além dos limites da aldeia – a era do rádio em plenos anos 90. Ou comentado sobre a Tuca, que deu à luz embaixo do piso da casa e como tive que resgatar seus filhotes recém-nascidos. E também sobre os grilos e esperanças que entravam na casa, sobressaltando meu sono. As aranhas-caranguejeiras que caíam do teto de palha. As intermináveis chuvas torrenciais que encharcavam os dias de inverno.

Do mesmo modo, não entraram neste relato as visitas noturnas que recebia dos índios para, incansavelmente, verem *kinhá iakarrá* (fotografias dos Waimiri-Atroari). Nem o *maribá* (festejo) que presenciei e o tanto que me senti “invasora” de ritual alheio, como se espiasse indevidamente por uma fresta.

Pois o tempo de aldeia não cabe em um livro. Não se esgota em páginas impressas. Vai para

além das palavras, para além deste meu texto conduzido por fios de memórias. É um tempo que trago em mim. E o que está em mim não cabe no papel.

No último dia em que estive nas terras dos Waimiri-Atroari, era o momento de me despedir. Os *kinhá*, com seu cáustico senso de humor, me disseram: “Cuidado! *Kaminhá* mata *Edidi...*”, e descreveram como eu iria morrer, vítima da violência urbana sobre a qual ouviam falar. E riam, só que dessa vez suavemente, sem gargalhar.

Despedir-se é sempre difícil.

Ao descer do veículo na aldeia vizinha, já de noite, eu senti fortes picadas nos meus pés. Eram saúvas em sua trilha pelo escuro. Bati os pés no chão para livrar-me delas, como havia aprendido a fazer naqueles anos vivendo na mata. Algumas mulheres se aproximaram e me disseram em voz

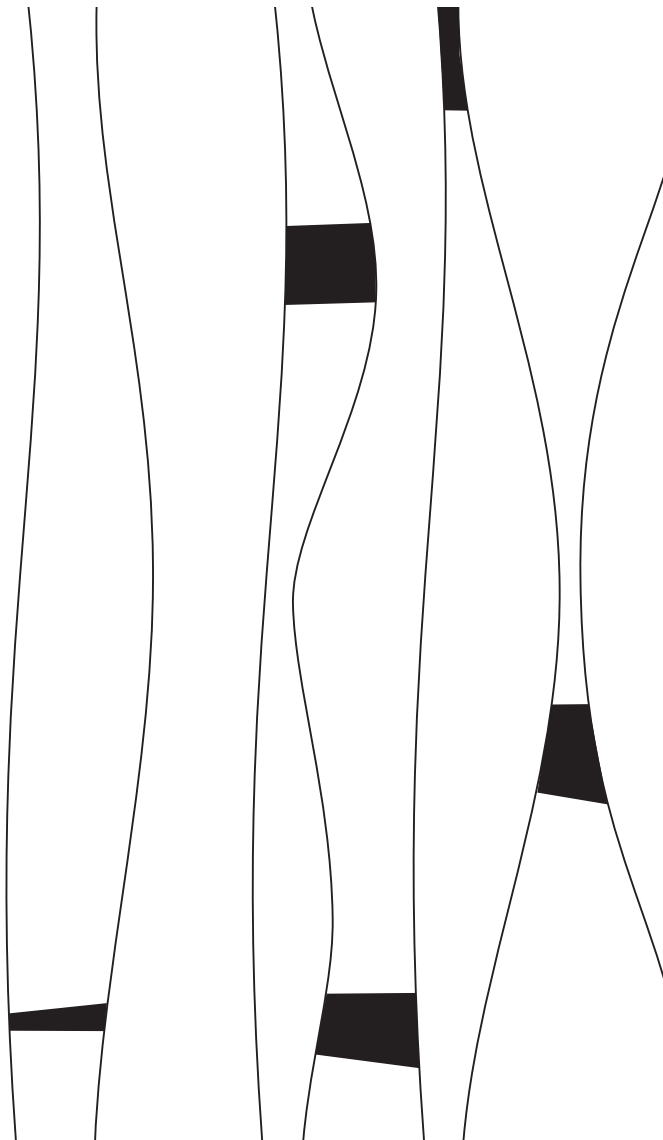
baixa: “*Kamakê* (saúva) tá dizendo: Fica, *Edidi!*”. Eu apenas sorri e respondi: “Tenho que ir.” E mais não falei.

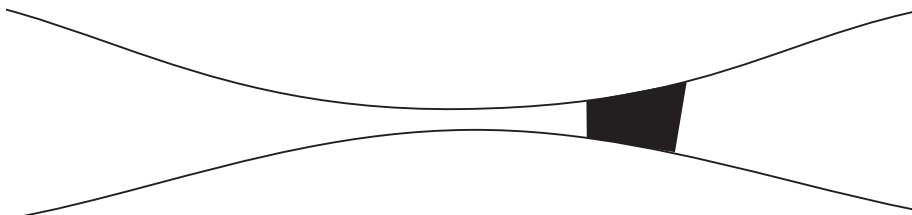
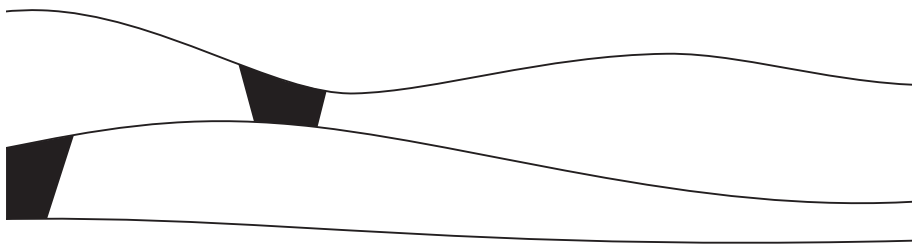
Motor ligado, o silêncio da mata ficou para trás. A estrada de terra tantas vezes percorrida durante aqueles anos me levava de volta ao meu mundo. E o tempo de aldeia ficou em mim, para muito além da fronteira física e da barreira do tempo. Trago em mim as vozes, o eco dos aromas, os saberes e sabores que vivenciei. Minhas memórias são preciosidades que guardo comigo em um baú delicado que agora abro e compartilho com o leitor.

Neste exato instante em que escrevo, recordo a conversa telefônica que tive há alguns anos com *Pariwé* Mário e com seu filho *Imadá* Janilson. Naquela ocasião, fiquei sabendo que, às vezes, durante conversas com os parentes, a aldeia re-

lembra o período em que eu era professora no Xeri. Assim, soube que não se esqueceram de mim. E de novo é como se eu ouvisse o silêncio e os bichos noturnos, como se aspirasse o ar da noite recendendo à carne moqueada. E mais uma vez estou lá na aldeia. Naquele tempo suspenso na memória.

E, em pensamento, retribuo dizendo: “*Edídi* não esquece *kinhá*”.





Primeira edição: novembro de 2013
Impressão: Gráfica Editora Stamppa | www.stamppa.com.br
Papel de capa: Cartão Supremo 250g/m²
Papel miolo: Offset 90g/m²